

LUCAS RODRIGUES CAIXETA

**O CASO DANDARA: UMA LEITURA ACERCA DE SEXO E GÊNERO EM JUDITH
BUTLER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do Título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: História, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior

UBERLÂNDIA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C138c Caixeta, Lucas Rodrigues, 1999-
2024 O caso Dandara [recurso eletrônico] : uma leitura acerca de sexo e gênero em Judith Butler / Lucas Rodrigues Caixeta. - 2024.

Orientador: José Benedito de Almeida Júnior.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Filosofia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5026>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Filosofia. I. Almeida Júnior, José Benedito de, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - ppgfil@ifilo.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 002/25, PPGFIL				
Data:	Dez de fevereiro de dois mil e vinte cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12312FIL007				
Nome do Discente:	Lucas Rodrigues Caixeta				
Título do Trabalho:	O caso Dandara: Uma leitura acerca de sexo e gênero por meio de Judith Butler				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	-----				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1 U 134, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Marco Antonio Torres (UFOP); Bruno Gonçalves Borges (UNICAT); José Benedito de Almeida Júnior orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). José Benedito de Almeida Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Benedito de Almeida Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/02/2025, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Gonçalves Borges, Usuário Externo**, em 12/02/2025, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antônio Torres, Usuário Externo**, em 12/02/2025, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6086919** e o código CRC **80EB0CF1**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

LUCAS RODRIGUES CAIXETA

**O CASO DANDARA: UMA LEITURA ACERCA DE SEXO E GÊNERO EM JUDITH
BUTLER**

UBERLÂNDIA
2024

*A minha vó, lembrei da senhora em meu
TCC, e lembrarei da senhora eternamente.*

Te amo.

Agradecimentos

Gostaria de dedicar este momento a todo mundo que, de maneira direta ou indireta, me ajudaram nesta trajetória e me apoiaram nestes dois anos de mestrado. A essas pessoas, gostaria de destacar meus pais, uma mulher e um homem que não tiveram as mesmas oportunidades na vida que eu, mas que, no entanto, me proporcionaram os meios para chegar aqui. É um “obrigado” que eu jamais saberei expressar e retribuir adequadamente.

Durante todo este percurso, devo agradecer a todo o corpo docente do Instituto de Filosofia, assim como a todos os técnicos e servidores, desde os que desempenham funções administrativas até os trabalhadores dos serviços gerais. Todo esse conjunto de pessoas permitiu que eu desenvolvesse este trabalho, com todos colaborando como uma grande engrenagem de uma máquina para que o produto final fosse executado. Meus sinceros agradecimentos a vocês.

Não poderia deixar de fora, neste momento, meus colegas de curso. Mais do que qualquer outra pessoa, eles sabem o quão difícil é chegar até aqui: as lutas, as dificuldades, as crises e as tentativas de autossabotagem, mas, quando se tem pessoas incríveis ao lado, tudo isso se torna pequeno, e o caminho fica mais fácil de ser trilhado. Vejo que esta não é uma conquista individual, mas sim de um grupo que me acompanhou durante todo esse tempo, me incentivando e apoiando.

Não menos importante, um gigantesco “obrigado” ao meu orientador, Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, que me acompanha desde minha graduação, que me suporta e lida comigo de forma única. Tenho uma eterna dívida para com ele, por ter aceitado minha loucura de tentar entrar no mestrado faltando uma semana para preparar e entregar tudo, e por me guiar neste meio acadêmico que, por muitas vezes, pode ser tortuoso e muito parecido com um campo minado. Mas, com sua paciência, sabedoria e conhecimento, tenho orgulho de dizer que meu orientador soube me permitir chegar até aqui.

Por fim, gostaria de agradecer a FAPEMIG, a instituição que financiou esse projeto, e por esse motivo eu o pude realizar, sem esse apoio isso não seria possível,

muito obrigado por acreditarem em meu potencial, quando muita das vezes nem eu mesmo acreditei em mim.

*Quem sabe ainda sou... um “viadinho”
esperando o ônibus da escola, sozinho...*

*(Adaptação feita por Gloria Groover em um
cover da música da Cássia Eller
“Malandragem”)*

Resumo

Este trabalho tentará analisar o estudo feito por Judith Butler em sua obra *Problemas de Gênero*. Sendo assim, ele se propõe a analisar uma crítica à estrutura heterogênea em que vivemos atualmente. Deste modo, serão relatados dois casos que exemplificam o que significa não se encaixar nas normas sociais e suas consequências. Trata-se do caso de Herculine, hermafrodita – termo atualmente considerado errado, no entanto, utilizo-o, pois foi assim que os estudos sobre Herculine, na época, se referiam a ela. O termo correto, entretanto, seria *intersexo* – que se suicidou em 1868 após não aguentar mais os papéis de sexo e gênero que lhe eram impostos. E o caso principal, cujo nome está no título, de Dandara Kettlely, uma travesti que foi espancada e assassinada em 2017 na cidade de Fortaleza-CE. Sua agressão foi gravada e divulgada na internet. Em ambos os casos, nota-se uma semelhança: a morte. Apesar da distância cronológica de 149 anos entre os dois casos, o fator que os une é o fato de serem duas pessoas cujas vidas foram ditadas por outros ou, na tentativa de serem quem queriam ser, foram julgadas e mortas. Tendo esses dois casos como exemplos do tratamento dado pela sociedade a pessoas que não se enquadram no padrão heterogêneo vigente, será exemplificado, por meio dos escritos de Judith Butler e suas teorias embasadas em teorias de outros(as) pensadores(as), como Lévi-Strauss, Lacan, Freud e outros(as), a crítica a essa estrutura e a possibilidade de se ter uma diferente. Não há neste trabalho o intuito de provar a ideia de uma nova estrutura, de descobrir a origem dos preconceitos ou idealizar um mundo diferente. Há apenas uma análise crítica da estrutura, ressaltando alguns pontos importantes que buscam uma justificativa, assim como a refutação dessas justificativas, no discurso que visa manter e perpetuar esse modelo até os dias de hoje.

Palavras chaves: Dandara, transfobia, LGBTfobia, Sexo, Gênero, Filosofia

Abstract

This paper will attempt to analyze the study conducted by Judith Butler in her work *Gender Trouble*. Thus, this is a paper that proposes to analyze a critique of the heterogeneous structure in which we currently live. In this way, two cases will be reported to exemplify what it means to not fit into social norms and their consequences. One case is that of Herculine, a hermaphrodite – a term that is currently incorrect, but I use it because it was the term used in the studies conducted about Herculine at the time; however, the correct term would be intersex – who committed suicide in 1868 after no longer being able to bear the sex and gender roles imposed on her. The other case, which is the main focus of this paper, is that of Dandara Kettlely, a transgender woman who was beaten and murdered in 2017 in the city of Fortaleza, Ceará. Her assault was recorded and shared on the internet. In both cases, a similarity can be seen: death. Although the two cases are 149 years apart, the factor that unites them is that both were people whose lives were dictated by others or who, in trying to be who they wanted to be, were judged and killed. Using these two cases as examples of the treatment society gives to people who do not fit the heteronormative standard we have, this paper will illustrate, through Judith Butler's writings and her theories grounded in the work of other thinkers such as Lévi-Strauss, Lacan, Freud, and others, a critique of this structure and the possibility of having a different one. This paper does not aim to prove the idea of a new structure, to discover the origin of prejudice, or to idealize a different world. It is simply a critical analysis of the structure, highlighting important points that seek justification, as well as refuting them, concerning the discourse that sustains and perpetuates this model to the present day.

Keywords: Dandara, transphobia, LGBTphobia, Sex, Gender, Philosophy

Sumario

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 01:.....	15
O quão distante Herculine está de Dandara?	15
1.1 Dandara	16
1.2.1 Dandara: A pessoa viva, sua história e seu “casulo”	28
1.2 Herculine	36
Capítulo 02:.....	40
Butler em Problemas de gênero FEMINISMO E SUBVERSÃO DA IDENTIDADE	40
2.1 Heterossexualidade compulsória, binaridade e a estrutura da sociedade.	41
2.2 Lévi-Strauss e Lacan	47
2.3 Complexo de Édipo	53
2.4 Foucault: A Lei repressiva	60
Capítulo 03:.....	64
Conclusão... ou epígrafe?	64
Vocabulário e explicação de alguns termos:.....	70
Bibliografia	72

Introdução

Neste presente trabalho de dissertação, apresentarei uma leitura mais intensificada e focada de Lévi-Strauss, Lacan, Freud e Foucault por meio da filósofa Judith Butler em sua obra *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Deste modo, utilizarei a linha de raciocínio empregada por Butler nessa obra já citada, na qual a autora começa sua escrita questionando a distinção feita entre sexo e gênero.

Entretanto, antes de discorrer sobre a questão teórica e filosófica do tema proposto, serão expostos dois exemplos de grande importância para a compreensão da necessidade de se estudar sexo e gênero no âmbito filosófico, pois cabe à filosofia criticar e investigar temas que afetam as pessoas, e, principalmente, aquelas que são silenciadas e sofrem uma tentativa de apagamento.

Um desses exemplos será a história de Dandara Kettlely, uma travesti assassinada em 2017 em Fortaleza, Ceará, e a trajetória de sua vida e luta por dignidade. A autora do livro *O Casulo de Dandara*, Vitória Holanda, amiga e investigadora policial, escreveu a obra com o objetivo de desmistificar a figura de Dandara e de outras travestis, que muitas vezes são estigmatizadas pela sociedade. Dandara, que sonhava em ser uma estrela, teve sua visibilidade pública apenas após sua morte, quando o vídeo de sua agressão se espalhou, gerando repercussão e mobilização para punir os responsáveis.

A autora também destaca a jornada de Dandara desde sua infância, marcada pela alegria e brincadeiras, até sua transformação em travesti. A autora respeita sua identidade de gênero em todo momento, referindo-se a Dandara no feminino, mesmo nas fases em que ela ainda se identificava como um menino homossexual. A obra também aborda as dificuldades de Dandara, como a pobreza, a falta de oportunidades e a prostituição, trabalho ao qual ela se viu forçada devido às circunstâncias. Seu sonho era abrir um salão de cabeleireiro para melhorar a vida de sua mãe e família.

Dandara sofreu diversas violências ao longo de sua vida, físicas e psicológicas, e, apesar de seus esforços para fugir da prostituição, ela acabou sendo morta em fevereiro de 2017, após um ataque brutal registrado em vídeo. Esse caso se tornou

emblemático não apenas pela violência, mas também pela forma como a sociedade marginaliza as pessoas trans e travestis, tratando-as com preconceito e violência.

Devido a isso, a necessidade de documentar a história de Dandara se faz crucial para combater o apagamento de sua memória, destacando a importância de se tratar a subjetividade e a identidade de pessoas trans com respeito, sem reduzir suas vidas às categorizações simplistas e estigmatizantes da sociedade. Por fim, o caso de Dandara serve como um exemplo da violência constante enfrentada pela comunidade trans, que luta por dignidade e direitos, muitas vezes em condições extremas de vulnerabilidade e exclusão social.

O segundo exemplo, com anos de distância do caso de Dandara, é o de Herculine Barbin, uma pessoa intersexo que viveu no século XIX, cujo diário se tornou uma importante fonte de estudo. O relato de sua vida, desde a infância até seu suicídio, revela a complexidade de sua trajetória e a falta de uma verdadeira autocompreensão sobre sua identidade de gênero e sexualidade. Desde o nascimento, quando foi registrada como mulher, até a descoberta de que era intersexo, Herculine enfrentou imposições sociais e médicas sobre quem deveria ser. Sua história ilustra a ausência de voz própria no processo de autodescoberta, sendo definida por médicos, pela sociedade e pela família, mas sem que se considerasse sua própria percepção e desejos.

Por isso, é importante entender o sofrimento de Herculine, que, ao longo de sua vida, se viu distorcida pelas expectativas externas. A ausência de uma reflexão sobre como ela se via, ou como queria ser vista, é uma crítica central do autor. Herculine se sente em constante desconforto com seu corpo e sua identidade, principalmente quando começa a perceber as diferenças em relação aos outros. Sua paixão por uma colega de trabalho, Sara, é vivida com culpa, pois ela não sabia como lidar com seus sentimentos em um contexto de normas de gênero e sexualidade repressivas.

Além disso, há o impacto da ciência e da medicina da época, que trataram Herculine como um objeto de estudo sem se preocupar com sua subjetividade. Sua vida foi marcada por diversas mudanças impostas por outros, como o envio para um orfanato e, mais tarde, para uma escola regular, onde se deparou com a percepção de ser diferente. A descoberta de sua condição intersexual e a subsequente

imposição de viver como homem, com o nome de Abel, não trouxe resolução para seus conflitos internos, que culminaram em seu suicídio aos 30 anos.

Com isso, estabelece-se um paralelo com a violência que a comunidade trans e travesti enfrenta, como exemplificado pelo caso de Dandara, destacando a importância de se estudar essas questões para promover uma valorização da diversidade de identidade de gênero e uma maior compreensão da subjetividade humana.

Tendo sido exemplificada a falta de compreensão, estudo e ignorância do ser humano, é importante ater-se, não somente a exemplos que esclarecem o que se tem como real, mas também a uma investigação sobre os eventos posteriores e o que está no presente, para, assim, estabelecer uma crítica concreta. Entender o cerne do problema nos elucida não só para um ou dois casos, mas para toda uma sociedade que está presa a amarras tão enraizadas, que não as notamos, e criticar isso é o começo para uma mudança de fato.

É entendido que o sexo é aquele que é determinado para cada pessoa de acordo com sua genitália, antes ou depois do nascimento. Decorrente disso, existe o gênero, que será como uma pessoa recém-nascida irá se identificar no futuro. Tal distinção em si já é polêmica, e afirmar que ambos os termos são a mesma coisa e que, nas duas denominações, há uma construção cultural e social, é ainda mais polêmico. No entanto, utilizando-me de Butler, que se baseia em outros filósofos e filósofas, mostrarei a construção que ocorre tanto para o sexo quanto para o gênero.

Tem-se como verdadeiro que o sexo é algo natural, anatômico, cromossômico ou qualquer outro discurso científico que pré-determina a dualidade do sexo, e a partir desse ponto, o gênero é o modo como o sujeito vai (ou deve) ser dentro da sua sociedade, em determinada cultura, para exercer o papel de “homem” ou “mulher”. Os embasamentos científicos para que ocorra essa distinção são pautados em fatos biológicos, uma ciência biológica que está em constante mudança e evolução, obtendo descobertas e redescobrimdo o que antes era tido como verdade. Enquanto filósofo, ou seja, estudante de uma ciência não exata, não é meu papel duvidar da biologia, mas posso questionar aqueles que utilizam dela para esconder seus preconceitos e fazem uso inapropriado de seus estudos, que estão em constante fluidez, para justificar seus pensamentos. Exemplo disso é o caso de Herculine,

considerada hermafrodita em sua época, o que hoje consideramos um termo ultrapassado. No caso de Herculine, diremos intersexo. Uma pessoa que, ao nascer, foi determinada como mulher, mas, anos depois, um médico lhe disse que era homem. No fim, Herculine não pôde ser o que queria ser, pois teve que se enquadrar nos padrões que lhe foram impostos, primeiro como mulher e depois como homem. Ou podemos também usar o caso do estudo do Dr. Page e outros médicos e médicas, que descobriram que algumas pessoas com fortes características masculinas e registradas como homens possuíam cromossomos XY, e outras pessoas com fortes características femininas e registradas como mulheres tinham cromossomos XX.

Como citado logo acima, nos dois exemplos contidos no livro *Problemas de Gênero*, nem sempre a biologia consegue explicar o que se chama de “exceções à regra” quando se diz respeito ao sexo. Não seria ingênuo pensar que tais fatos acontecem raramente, no entanto, quão raro algo precisa ser para deslegitimar todo um conceito tão aceito? Embora essa não seja a questão, esses exemplos servem para mostrar que nem tudo é um dualismo; a binariedade existe porque algo ou alguém a criou.

E, tendo como contraponto à predeterminação do sexo, existe o gênero. Entende-se o gênero como sendo a maneira como o sujeito será visto em seu meio social, seja ele um gênero socialmente condizente com seu sexo de nascimento ou não. Ou seja, o gênero que aqui estou descrevendo é aquele visto como o molde no qual o sujeito se adapta para externar seu sexo, isto é, um reflexo, podendo ser um oposto. Este é aquele em que Butler diz ser uma “performatividade”, uma constante repetição de atos e gestos que servem para categorizar os gêneros, seguindo, é claro, aquilo que é determinado para a performatividade do sujeito: seu sexo.

Então, entende-se o sexo como algo físico, biológico, isto é, não escolhido; você nasce com um ou outro, enquanto o gênero é como o sujeito se comportará em sociedade, sendo este segundo sugestivo a diversos fatores que influenciam sua construção a partir de um discurso imposto em determinada sociedade e tempo. Contudo, seria o sexo algo tão irredutível e fisiológico? Ou o sexo não seria, nada mais do que, outra forma de discurso para separar e justificar uma estrutura hegemônica, branca e da heterossexualidade compulsória?

Vivemos em uma sociedade cujas regras implícitas são disseminadas por meio de discursos, sejam eles biológicos, científicos ou religiosos, e isso cria uma estrutura, uma sociedade estruturada com sua margem bem delimitada, onde o certo e o errado nem sempre precisam ser ditos, pois é como se já nascêssemos sabendo disso, ou pelo menos, sempre nos foi ensinado. Identificar tal estrutura nos permite lutar contra ela; reconhecê-la nos faz perceber suas fraquezas e como ela foi construída de “caso pensado” para beneficiar um seleto grupo de pessoas. Uma estrutura tão enraizada em nós, que, mesmo percebendo-a, nos vemos praticando e reafirmando-a, e, mesmo tentando lutar contra e idealizando outras formas de viver fora dela, nada mais fazemos do que criar uma nova estrutura. E, ao criar uma nova estrutura, beneficiamos outros grupos de pessoas, isto é, um ciclo. A partir desse pensamento, creio que a sociedade estruturada em que vivemos nunca será desfeita, no entanto, isso não significa que não devemos apontar os erros dessa estrutura, tampouco melhorá-la.

Capítulo 01:

O quão distante Herculine está de Dandara?

Seus olhos ao invés de verdes
Deveriam ser vermelhos incandescentes
Na mão ao invés de uma rosa
Você deveria ter um tridente
Sua voz é tão suave
Quando deveria ser mais arrogante
Vadiando na minha cabeça
Não me deixa um só instante

Mas eu vou lhe guardar
Com a força de uma camisa

Me despir do pavor

Lhe chamar de amiga

24 horas por dia
Tentando o meu juízo
Foi unanimemente eleita
Meu demônio colorido

(Demônio colorido, Sandra de Sá)



1.1 Dandara



https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_Dandara_dos_Santos

Antes de narrar a história de Dandara para ilustrar, com um caso brasileiro, a represália que sujeitos diferentes sofrem em nossa sociedade, gostaria de apresentar a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais).

A ANTRA é uma associação que atua em várias áreas, como saúde, educação e cultura, auxiliando a população transgênero com os problemas enfrentados em uma sociedade que permite a marginalização desse grupo. Entre as ações promovidas pela ANTRA, destacam-se a realização e divulgação de programas de conscientização para a população travesti e transsexual sobre saúde pública, prevenção de doenças e acolhimento de pessoas expulsas de casa, buscando melhorar a vida de quem a sociedade tenta punir por ser diferente.

Fundada em 1992, a ANTRA teve início com a sigla ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados), compartilhando os mesmos princípios que mantém atualmente: promover direitos iguais às pessoas transgênero. Em 1993, foi realizado o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids (I ENTLAIDS), organizado pela ASTRAL. Já no terceiro encontro, ocorrido no Rio de Janeiro, as demandas da população travesti e trans passaram a ser pauta central. A

partir desses debates, que extrapolaram os encontros anuais, surgiu a RENATA (Rede Nacional de Travestis), com a missão de expandir os trabalhos realizados pela ASTRAL em todo o Brasil, abrangendo uma área maior.

No entanto, em 2002, surgiu a necessidade de combater o estigma associado ao termo “travesti”, frequentemente tratado de forma pejorativa. Assim, a sigla registrada oficialmente em cartório foi alterada para ANTRA, a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais.

Sendo uma rede nacional, a ANTRA possui diversas formas de atuação. Em seu site, é possível encontrar mais informações, bem como explicações sobre termos da comunidade LGBT que podem ser desconhecidos por muitos. A seguir, apresento algumas das linhas de atuação dessa associação e o site: <https://antrabrasil.org/>

Mapear, produzir estudos e denunciar nas instancias cabíveis os assassinatos de pessoas Trans no Brasil, bem como cobrar soluções desses crimes;

Promover campanhas informativas e apresentar propostas a fim de garantir o direito das Travestis e Transexuais;

Colaborar em todos os níveis com outras redes, que trabalham com Direitos Humanos, a fim de desenvolverem trabalhos conjuntos, intercambiando experiências nas áreas de atuação de cada uma;

Denunciar e promover a divulgação, em todos os meios de comunicação possíveis, de todo e qualquer caso em que for detectado preconceito e ou discriminação por identidade de gênero;

Ter por princípio apoiar toda e qualquer ação de prevenção do HIV/Aids Hepatites Virais e outras DST em todos os seus aspectos e âmbitos;

Apoiar as ações que visem a melhora da qualidade de vida das pessoas vivendo e convivendo com HIV/Aids;

Atuar diretamente na incidência política e na criação de climas e ambientes favoráveis para Travestis e transexuais;

Incentivar e apoiar a realização de Encontros Nacionais de Travestis e Transexuais para potencializar as bandeiras de lutas e encaminhar as demandas de suas afiliadas;

(Site da ANTRA, acessado em 17/12/2024 as 11:33)

Sendo assim, neste momento, considero importante, com o intuito de esclarecer o preconceito que a comunidade trans e travesti sofre no Brasil, e de contextualizar a relevância desse tema na filosofia, apresentar o caso de Dandara. Essa é uma fatalidade que encontrei durante minha pesquisa, um caso que me tocou profundamente. Além da brutalidade do acontecimento, feriu-me de forma pessoal, pois faço parte dessa comunidade. Quando um de nós sofre um atentado dessa natureza, é como se todos sentíssemos a mesma dor. Por isso, percebi a importância de a academia produzir estudos científicos sobre esse tema, para promover uma valorização ontológica do ser. Um ser que pode ter diversas identidades e precisa ser compreendido em suas múltiplas camadas de subjetividade.

Quando nos referimos à ontologia do ser, sua subjetividade e individualidade, não podemos limitar tais características ao binarismo homem-mulher, tampouco às orientações sexuais tradicionalmente determinadas por esse binarismo, como a heterossexualidade. Discutir a subjetividade do ser é reconhecer suas múltiplas facetas, não apenas compreendê-lo enquanto existente, mas também aceitá-lo e incluí-lo em uma sociedade que marginaliza e criminaliza tudo o que não corresponde às suas expectativas.

Há uma infinidade de variações dentro dessa comunidade que vive constantemente à margem da sociedade. Muitas identidades buscam um espaço que frequentemente lhes é negado, não apenas por palavras, mas também por atos de violência. Para ilustrar minha fala, apresentarei o caso de Dandara, uma travesti brutalmente executada em plena luz do dia, em um episódio que não foi a primeira agressão que sofreu em sua vida.

Esse caso ocorreu em Fortaleza, Ceará, no ano de 2017. Dandara era parte de uma comunidade profundamente marginalizada e excluída, forçada a viver uma vida indigna, sob o olhar de desprezo de uma sociedade que lhe negava oportunidades. Por falta dessas oportunidades, Dandara recorreu à prostituição — uma profissão que não é nem vergonhosa nem desonrosa, mas que não era a escolha que ela desejava. Em mais um dia comum de sua difícil jornada, enquanto caminhava pela rua, um grupo de homens, incluindo um menor de idade, decidiu atacá-la por puro preconceito.

Dandara foi brutalmente espancada com chutes, socos, tapas, pauladas, pedradas e até cuspidas. Tudo isso aconteceu em plena luz do dia, em uma rua movimentada, e foi gravado por pessoas que assistiam sem oferecer qualquer ajuda. Ninguém chamou a polícia. Após uma sessão de tortura que parecia interminável, os agressores a colocaram, desacordada, em um carrinho de mão, como se fosse um objeto, e a levaram até um beco, onde, de forma covarde, atiraram nela, tirando sua vida.

Talvez Dandara não soubesse os nomes de seus algozes, mas considero importante registrá-los aqui:

- **Jean Victor, Rafael Alves e Francisco Gabriel** alegaram que “apenas” a agrediram, mas não tinham intenção de matá-la.
- **Isaías da Silva Camurça** afirmou que apenas proferiu ofensas, sem participar das agressões ou do assassinato.
- **Rafael Alves da Silva Paiva** confessou ter participado das agressões, mas negou ter matado.
- **Francisco José Monteiro**, que disparou a arma, alegou ter atirado quando Dandara já estava morta.
- **Francisco Wellington Teles**, acusado de levá-la de moto ao local do espancamento, ficou foragido de 2017 a 2021.

Dandara acreditava que aquele seria apenas mais um dia comum em sua vida, uma curta e dura jornada marcada pela violência que deixava cicatrizes em seu corpo e rosto. Ela só queria viver em paz e ser feliz, mas isso nunca foi possível pelo simples fato de ser quem era. Seu direito à vida foi brutalmente negado.

Durante a investigação conduzida pela polícia, Dandara foi descrita, por diversas vezes, como alguém com “desvios de conduta” por “homossexualismo¹”. Em pleno ano de 2017, o termo “homossexualismo”, carregado de conotações patológicas e arcaicas, ainda era utilizado.

¹ Terminação em “ismo” está relacionado a doenças

O discurso universalizante dos atos desviantes é acionado para incorporar Dandara à multidão das criaturas bizarras, estranhas, indesejadas, pessoas nas quais a leitura de gênero e sexualidade é borrada pelas marcas da diferença trazidas em seu corpo, imperdoável ao crivo da cis heteronormatividade. (CAVICHOLLI Anderson, 2019).

Esse trecho do texto de Anderson descreve muito bem como Dandara foi retratada ao longo das investigações²: sempre como uma pessoa de conduta desviada, em situação de prostituição e usuária de crack. Como se isso não bastasse, tentaram justificar as agressões com o argumento, registrado no relatório policial, de que a vítima era portadora do vírus HIV e teria transmitido a infecção ao seu algoz durante o ato de violência. Tal justificativa só faria sentido para explicar, no máximo, a execução, caso o agressor tivesse interrompido o ato, realizado um exame para confirmar seu estado de saúde e, então, voltado para matá-la como forma de vingança — o que não foi o caso.

Todavia, fosse Dandara ou não uma trabalhadora do ramo da prostituição, usuária de crack ou portadora de HIV, nada dava o direito a outra pessoa de tirar-lhe a vida. Como travesti, com poucas oportunidades de emprego, Dandara se submeteu à prostituição, uma profissão que envolve muitos perigos para todos os que nela atuam, mas principalmente para a comunidade transgênero. São inúmeros os casos de extorsão, chantagem e violência de todos os tipos, além da ausência de direitos trabalhistas, entre outras vulnerabilidades.

Apesar disso, e mesmo sendo uma profissão de poucos ou quase nenhum recurso, foi o que restou a Dandara. Vale ressaltar que, ainda que se sujeitem a tais perigos, a pobreza que aflige a comunidade transgênero é imensa.

Pesquisa realizada em 2016 pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (Nuh), intitulada “Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população”,

² Me Refiro a “investigações” e sempre citando o autor Anderson, pois ele acompanhou todo o caso, teve acesso aos documentos disponíveis no momento de sua pesquisa e participou do julgamento. Tais informações, e com maior detalhamento, se encontra em seu texto que está citado na bibliografia deste trabalho.

concluiu que a renda média mensal da população de transexuais e travestis as colocam em um patamar de pobreza. (CAVICHOLLI Anderson, 2019)

Podemos afirmar que o trabalho que Dandara realizava não lhe proporcionava dinheiro suficiente para alcançar uma boa condição financeira. Contudo, além dos custos habituais de sobrevivência — como moradia, água, energia e demais contas cotidianas —, havia ainda os custos estéticos, que são particularmente relevantes para pessoas trans. Poderíamos questionar: esses custos estéticos não seriam meros caprichos? Afinal, sendo tão marginalizadas e recebendo tão pouco, não poderiam optar por evitar tais gastos e, assim, alcançar uma vida mais digna?

A resposta a esse questionamento reside na pressão social. Os padrões impostos pela sociedade vão muito além da simples autoidentificação externa; existe uma exigência de que o corpo seja ajustado para não provocar estranhamento ao olhar alheio. Portanto, os custos estéticos para pessoas trans não são apenas uma questão de vaidade, mas fazem parte de sua identidade e do esforço para existir de forma minimamente aceita em um contexto social hostil.

Para uma mulher travesti, como Dandara, havia gastos com cabelo, roupas femininas que vestissem bem seu corpo, manicure, pedicure, maquiagem e outros elementos que fazem parte desse padrão. Esses não são custos desnecessários ou fúteis; são tentativas de adequar o corpo ao que se espera de um gênero feminino, permitindo que a sociedade a visse com menos estranheza e, talvez, com menos violência. Para Dandara, isso significava ser percebida como alguém com um corpo feminino, de mulher, buscando evitar olhares de julgamento ou agressões.

Além das reflexões acadêmicas, trago também relatos do caso. A seguir, apresentarei como o caso de Dandara foi tratado pela mídia, como ela foi retratada e percepções vindas do Ministério Público do Ceará³, responsável pelo julgamento dos envolvidos em sua execução. Apesar de já ter relatado o ocorrido de forma geral, considero essencial abordar esse caso com mais profundidade. Não apenas para registrar os fatos ou para nos habituarmos à leitura de tamanha crueldade, mas para,

³ Site onde eu encontrei diversas informações sobre o caso, tudo que está em domínio público pode ser acessado pelo endereço que se encontra na bibliografia deste trabalho

sempre que possível, representar nossa indignação e horror diante de atos tão desumanos — sentimentos que me incentivaram a estudar esse caso.

Dandara dos Santos, 42, morreu no Bom Jardim no dia 15 de fevereiro de 2017 após sofrer chutes e pauladas de um grupo de homens que, depois, dispararam contra ela. O crime foi filmado e viralizou nas redes sociais. (Diário do Nordeste 17/11/2021)

Uma travesti, Dandara, foi espancada até a morte em plena luz do dia, enquanto seus assassinos gritavam, entre risos, coisas do tipo:

"Ê viado fei"

"A mundiça ainda tá de calcinha"

"Vão matar o viado".

Todos que assistiam ficaram inertes, tudo gravado em vídeo, afinal, há certeza de impunidade. (Brasil de Fato 10/03/2017)

A morte de Dandara ocorreu no dia 15 de fevereiro de 2017, por volta das 17h, no bairro Bom Jardim. A travesti foi espancada (socos, chutes e pauladas) e atingida com dois tiros de arma de fogo e forte pedrada na cabeça. A ação foi gravada por celular e divulgada na internet. (JusBrasil, 2018)

Não seria curioso se todas essas reportagens tivessem algo em comum? Quão irônico seria se, em cada uma dessas citações de lugares diferentes, houvesse um único aspecto que se destacasse mais, algo que garantisse que Dandara não fosse esquecida?

Antes de responder, esclareço que não pretendo propor uma pergunta meramente reflexiva. Luiza Mouraria foi esquartejada, com partes de seu corpo jogadas ao mar. Já no caso da Princesa, antes de ser reconhecida, ninguém se preocupou em identificá-la adequadamente, e seu corpo permaneceu abandonado em um canto do necrotério.

Isso me lembra o assassinato cruel de Luiza Mouraria, que foi esquartejada e teve seu corpo jogado ao mar. Os assassinos não ficaram uma semana na cadeia, quando receberam o habeas corpus. A pena prescreveu, e por fim, estavam todos livres. Qual foi o crime de Luiza? Não contar que era mulher transexual para o namorado.

Isso me lembra o assassinato de Princesa, assassinada a pauladas, e que não teve direito nem a uma gaveta no necrotério - seu corpo estava jogado no canto da sala quando descoberto. Qual o crime de Princesa? Existir (Brasil de Fato 10/03/2017)

Percebe-se que a diferença não está na classe social, nem na gravidade — supondo que exista uma escala — do crime cometido. A diferença entre as duas mortes citadas e a de Dandara reside no simples fato de que o crime contra Dandara foi gravado. Apenas isso: gravado, e o vídeo ganhou repercussão na internet, alcançando até mesmo visibilidade internacional.

Dandara foi espancada, torturada, carregada em um carrinho de mão como se fosse um saco de lixo pesado a caminho do descarte e, por fim, executada com dois tiros no dia 15 de fevereiro de 2017. A denúncia do crime ao Ministério Público do Ceará só foi formalizada 32 dias depois, em 21 de março de 2017.

A justiça feita por Dandara não foi fruto de uma busca genuína por “justiça por justiça”, mas sim da pressão gerada pela repercussão do caso, pelo impacto do vídeo que documentou o crime. Caso contrário, teríamos justiça — igual à feita para Dandara — também para Luiza Mouraria e para Princesa.

Em 21 de março de 2017, a juíza recebeu a denúncia do Ministério Público do Ceará e, em 30 de novembro, proferiu a sentença de pronúncia (decisão que submete a júri popular) contra os cinco julgados nessa quinta-feira e Júlio César Braga Costa. Esse recorreu da decisão ao Tribunal de Justiça do Ceará. (JusBrasil, 2018)

Foram TRINTA E DOIS dias para que a denúncia fosse formalizada — mais de um mês até que algo fosse feito. Durante esse período, o que aconteceu? Todos os envolvidos no crime seguiam vivendo suas vidas, algo que não permitiram que

Dandara fizesse. Enquanto isso, a mãe dela chorava pela filha perdida, e a sociedade, com suas muitas e importantes exceções, se revoltava com o ocorrido.

Com toda essa narrativa, chegamos a algumas conclusões. A primeira é que o caso de Dandara só ganhou visibilidade devido ao vídeo que registrou sua agressão, o que possibilitou que muitas pessoas tomassem conhecimento do fato e pressionassem a justiça para tomar as medidas cabíveis.

A segunda, analisada por um ponto de vista filosófico, é que sua subjetividade foi ignorada — não apenas pelos agressores, que a chamavam de “viadinho”, mas também por alguns veículos de mídia, que trataram o caso como sendo sobre “Antônio Cleilson Ferreira de Vasconcelos”, nem sempre incluindo o adendo “a travesti Dandara”. Claro, Dandara não tinha seu nome social oficializado. No entanto, até o Ministério Público do Ceará teve o cuidado de registrar que “Antônio Cleilson Ferreira de Vasconcelos” usava o nome social Dandara.



<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/09/rua-de-fortaleza-sera-a-primeira-do-estado-a-ter-nome-de-travesti.ghtml>

Contudo, todo esse caso nos remete a uma constante necessidade de não apenas falar sobre Dandara, mas também documentar toda a sua história para evitar o apagamento. É isso que procuro fazer aqui: além de uma investigação filosófica sobre seu ser, sua subjetividade e ontologia, registro e deixo documentada a sua história.

Entretanto, esse registro não é apenas meu. Por meio de outras pessoas e ações, Dandara ganhou voz. Um exemplo disso é a escultura em sua homenagem, inicialmente exposta em Nova Iorque e depois transferida permanentemente para Miami.



<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/27/escultura-em-nova-york-homenageia-travesti-dandara-dos-santos-vitima-de-violencia.ghtml>

Uma escultura em homenagem à travesti Dandara dos Santos, assassinada em 2017 em Fortaleza, está exposta em Nova York, nos Estados Unidos. A obra, do artista Rubem Robierb, simboliza as asas de uma borboleta.

De acordo com Robierb, a intenção é representar a ideia de tolerância, e de que as pessoas devem acreditar em seus sonhos. À GloboNews, ele disse que a família de Dandara agradeceu pela obra que, de certa forma, realizou o desejo dela, de um dia ser famosa. (G1 27/12/2019)

Dando para além de um registro escrito e um estudo, o artista Rubem Robierb eternizou um sonho de Dandara de ser famosa e conhecida, e agora ela se encontra, de certa forma, presente em Miami. Ou também a rua em Fortaleza que ganhou seu nome como forma de homenagem e um lembrete para que tais crueldades não aconteça de novo com essa comunidade que sempre foi discriminada

Segundo o decreto Legislativo, a proposta é, com essa memória e homenagem, conscientizar sobre a necessidade de políticas públicas que promovam a proteção e a cidadania de todas e todos. O projeto é de autoria do vereador Ronivaldo Maia (PT).

Para Mitchele Meira, da Liga Brasileira de Lésbicas e do Fórum Cearense LGBT a memória é uma fonte importante para que não se volte a repetir as atrocidades contra as populações historicamente discriminadas na sociedade. (G1 09/12/2020)

Dandara não será apenas mais uma história triste, mas sim um símbolo do que não deve mais acontecer na sociedade, pois a morte de uma pessoa é uma perda para todos nós.

Acho que seria muita prepotência fazer uma comparação direta entre Foucault e mim. Reconheço que estamos distantes em muitos aspectos, sobretudo no tempo e no contexto social em que cada um de nós vive. Ainda assim, permito-me traçar um paralelo, de forma tímida e quase pedindo desculpas por fazê-lo. Gosto de dizer que Dandara é para mim o que Herculine foi para Foucault.

Ela foi a motivação para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, está sendo para minha dissertação e será, por toda a minha vida, o combustível que me move. Comecei meus estudos quando me deparei com o caso de Dandara em 2021 e, até hoje, sigo com os mesmos sentimentos cada vez que releio sua história. As perguntas e reflexões que surgem nunca se esgotam, sempre aparecem novos pontos a considerar.

A maneira como Dandara foi ignorada me causa a mesma indignação que sinto ao pensar na história de Herculine. Sim, são épocas distintas, mas, em ambos os momentos, essas pessoas foram privadas do direito de serem quem realmente eram. No caso de Herculine, foi-lhe imposto viver primeiro como mulher e, depois, como homem, quando, na verdade, era uma pessoa intersexo com orientação afetiva e sexual voltada a mulheres. Quanto a Dandara, um pouco mais ousada por tentar ser quem era de verdade, teve o direito à vida brutalmente ceifado.

Embora os contextos, pessoas e situações sejam diferentes, o problema é o mesmo: a subjetividade dessas pessoas foi ignorada, e ambas foram forçadas a se

moldar aos padrões sociais estabelecidos por uma sociedade que utiliza o preconceito, a transfobia⁴, como ferramenta para controlar corpos alheios.

A título de curiosidade, segue uma lei instituída após o ocorrido com Dandara:

LEI N.º 16.334, DE 13.09.17 (D.O. 19.09.17)

INSTITUI O DIA ESTADUAL DE COMBATE À TRANSFOBIA NO ESTADO DE CEARÁ.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Estadual de Combate à Transfobia no Estado do Ceará.

Parágrafo único. O Dia Estadual de que trata o *caput* deste artigo será no dia 15 de fevereiro, em homenagem à travesti Dandara dos Santos.

Art. 2º O Dia Estadual do Combate à Transfobia, instituído por esta Lei, passa a integrar o Calendário Oficial de Eventos do Estado do Ceará.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 13 de setembro de 2017.

Camilo Sobreira de Santana
GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

⁴ Termo usado para se referir ao preconceito contra pessoas transgêneros

1.2.1 Dandara: A pessoa viva, sua história e seu “casulo”⁵



<https://queer.ig.com.br/2020-12-11/rua-dandara-ketley-ceara-homenageia-travesti-assassinada-ha-tres-anos.html>

Gostaria de pedir permissão a quem lerá esta parte de meu trabalho, assim como gostaria, previamente, de pedir desculpas. A seguir, narrarei a história de Dandara, de forma breve, baseada no livro *O Casulo Dandara*, escrito por sua amiga e investigadora policial, Vitória Holanda. Faço tais pedidos antecipadamente, pois esta será uma parte mais informal e pessoal. Trago para este trabalho a história de Dandara não apenas como exemplificação acadêmica, mas também como forma de lembrá-la e honrá-la.

Dandara tinha o sonho de ser uma estrela, de ser famosa. Infelizmente, isso só aconteceu com sua morte. Contudo, deixo aqui registrado: **Dandara, você é a estrela deste trabalho.**

Vitória Holanda, policial, escritora, mãe de duas crianças e amiga de infância de Dandara, escreveu e publicou um livro com o intuito de desmistificar a visão

⁵ Livro: O casulo Dandara. Vitória Holanda

distorcida que a sociedade tinha de sua amiga e, por extensão, das travestis em geral na época em que o caso ocorreu.

O ano era 2017, e o caso Dandara ganhou força e repercussão nacional e internacional devido ao vídeo gravado durante o ataque violento que ela sofreu. Embora a gravação tenha contribuído para solucionar o crime e punir os responsáveis, o impacto de sua divulgação foi duplo: além da mobilização pela justiça, surgiram também críticas e ataques direcionados à vítima.

Foi nesse contexto que Vitória decidiu escrever o livro. Sua intenção era mostrar a realidade de pessoas como Dandara, que enfrentam enormes dificuldades na vida, mas que, mesmo assim, têm o mesmo direito à dignidade, à proteção e às condições básicas de existência que qualquer outra pessoa que se enquadre nos padrões normativos de nossa sociedade.

Escrever sobre Dandara e sua vida talvez não convença algumas pessoas as quais acham que ser travesti é uma doença, que é falta de vergonha ou simplesmente acreditam que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Entretanto, é uma forma de mostrar que ser travesti não foi uma escolha de criança influenciada na escola ou na mídia.

Ela nasceu Dandara.

(HOLANDA, Vitória. 2019, p. 9)

Acho importante ressaltar que, em momento algum, foi dito no livro o nome de batismo de Dandara, nem houve qualquer referência a ela no masculino. Mesmo nos momentos em que ela ainda não havia se reconhecido como travesti ou como Dandara, sua identidade foi respeitada em todos os momentos. Por isso, e em respeito à identidade de Dandara, sempre me referirei a ela no feminino e com seu verdadeiro nome, Dandara Ketlely.

Vinda de uma família grande e criada em uma área pobre de Fortaleza, no Ceará, Dandara sempre foi uma pessoa considerada alegre, simpática, divertida, que conquistava todos e irradiava sua energia onde quer que passasse. Essas características sempre estiveram presentes com ela, desde a infância até o fim de

sua vida. A autora descreve sua infância ao lado de sua amiga de maneira tão única, especial e real que, para mim, que li o livro, é fácil dizer que vivi e compartilhei cada um dos momentos descritos por ela.

As primeiras partes do livro narram uma infância alegre, divertida, cheia de "molecagem", brincadeiras e travessuras. A autora discorre sobre diversos momentos em sua vida ao lado de sua amiga, assim como momentos em que ela não estava presente. Isso porque foi realizada uma pesquisa com várias pessoas próximas de Dandara, que contaram suas aventuras ao lado dela, para que o livro fosse feito de forma mais completa. E todo esse arcabouço bibliográfico nos aproxima da pessoa que Dandara foi, não apenas mais uma travesti vítima da sociedade, como tantas vezes vemos no noticiário, mas uma pessoa com sonhos, desejos e vontades.

Vinda de uma comunidade humilde, onde vivia na zona da miséria, logo, com esse cenário, imagina-se que nem todos tinham a oportunidade de estudar, frequentar boas escolas ou até mesmo terminar os estudos. Com Dandara não foi diferente, fato que nunca a impediu de ser feliz e batalhar para dar uma vida melhor para sua mãe e família.

Durante sua adolescência, nunca houve segredo sobre a orientação sexual de Dandara; ela nunca foi questionada ou chegou a se assumir publicamente, pois não via necessidade. No entanto, confiava tal informação a algumas pessoas, amigos e familiares mais próximos. Contudo, inicialmente, ela se via como apenas um homossexual, um – à época, sem se entender – menino que gostava de meninos. Relatava suas aventuras para suas amigas mais íntimas e compartilhava suas experiências.

Sua transformação ocorreu de forma natural, isso pelos olhos da autora, que a acompanhava desde o início. Tudo começou na brincadeira. Dandara se juntava com sua turma, vestia roupas consideradas femininas e saía pelo bairro “zoando” (nota de rodapé), farreando e fazendo piadas com tudo e todos. Era assim a sua vida, pura diversão, sem se importar com a opinião dos outros e pensando apenas no presente, sem se preocupar com as consequências.

Um dos pontos principais, notado por Vitória Holanda, na transformação de Dandara ocorreu aos 18 anos, quando ela tirou o bigode.

Aos 18 anos ela tirou o bigode. Uma vez que, para ela, isso era algo que a identificava como alguém do sexo masculino. Achava que, ao tingir a maior idade, tinha domínio da sua identidade de gênero. Assim, naquele dia, morria o menino de cabelos cacheados e jogador de futsal. (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 49)

Outro ponto notado pela autora foi o fato da “passibilidade”⁶ que Dandara imprimia, ao dizer que ela nunca foi um “gay rasgado”, suas piadas, brincadeiras, sempre eram comedidas de acordo com a pessoa a quem ela direcionava, ela respeitava todo mundo. No entanto, quando ela se posicionava enquanto homossexual era motivo de ataque dos moralistas.

Até então, quando ela era apenas alguém alegre e brincalhona, com características e jeito de menina, era algo que trazia simpatia para todos no bairro. Mas quando se posicionava e mostrava que gostava de meninos, era motivo de reprovação. Ela mexia com a moralidade das pessoas, com a sexualidade conceituada pela sociedade, com padrões estes muitas vezes, impostos pela convivência e nem sempre pelo amor das pessoas. Mas mesmo assim, resolveu entender e respeitar a todos. (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 52)

Aos poucos, após raspar o bigode, a transformação foi ocorrendo de forma gradual, um processo crescente. No meio desse processo, foi quando Dandara se enturmou com pessoas diferentes, uma turma distinta da sua infância. Ela se juntou a outras pessoas que, assim como ela, se identificavam com um gênero diferente do qual foram designadas ao nascimento. Foi nesse momento que a autora chamou de “Já era um mundo sem volta. Elas (referindo-se a Dandara e suas amigas) tinham saído do casulo. A metamorfose acontecera” (HOLANDA, Vitória, 2019, p. 71).

⁶ Termo que se utiliza para descrever indivíduos não heterossexuais, mas que, no entanto, performam e agem dentro dos padrões da heteronormatividade. Sendo assim, são indivíduos que, apesar de sua orientação sexual distinta a heterossexual, conseguem se adequar as normas. No entanto, há um paradigma, pois muita das vezes essa passibilidade é imposta, ou ocorre por meio da repressão ao estigma de “todo gay é escandaloso”, sendo que o “escandaloso” é apenas o diferente da estrutura heterogênea.

Devido ao afastamento de Dandara de suas amigas antigas, quando ela decidiu visitar sua velha amiga, a autora do livro que estou percorrendo, ela se assustou com as mudanças que Dandara havia feito. Seus cabelos estavam mais loiros do que o normal, mais longos, e ela começava a usar definitivamente roupas consideradas femininas e maquiagens. Nesse momento, Vitória demonstrou seu espanto, sem preconceito, apenas surpresa com as mudanças que Dandara havia feito. Com isso, a autora relata: “Mas naquele dia pude observar algo latente em seu olhar. Ela estava feliz. Estava em paz consigo mesma, e isso era o que importava” (HOLANDA, Vitória, 2019, p. 71). Posso afirmar que Dandara queria ser e estava feliz ao se descobrir e ser travesti.

A partir desse momento, no livro em questão, muito é dito sobre a vida de prostituição que Dandara se viu obrigada a levar, mas este não é o foco deste trabalho. Embora essa questão seja de extrema importância, abordarei apenas alguns pontos que considero essenciais para o esclarecimento desta pesquisa, assim como para a quebra de alguns estigmas sobre essa comunidade. Vale frisar desde já que a prostituição nem sempre é uma escolha.

Em uma das maiores e mais movimentadas avenidas de Fortaleza, foi onde Dandara começou a tirar seu sustento, ajudar a família e trilhar um caminho árduo em busca de seu objetivo maior. Afirmando isso, pois a própria autora relata em seu livro, com base em entrevistas com outras travestis que se prostituem até hoje ou que já se prostituíram.

Contudo o que as travestis almejavam era tão somente ter uma profissão, sustentarem a si mesma e também poderem ajudar suas famílias. Afinal, não presenciamos travestis em diversas profissões, ou elas trabalham como cabeleireiras ou se tornavam profissionais do sexo [...] Muitas travestis encaram a profissão com seriedade, repassam suas experiências umas às outras, dão conselhos, mostram o caminho correto para ganhar dinheiro com a prostituição. Para elas, há um manual de conduta. (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 82).

A própria autora fez questão de relatar que Dandara era uma pessoa simples, que condizia com sua origem humilde e desejo de estabilidade para si, assim como para sua família, principalmente a sua mãe, “Não tinha pretensões de ficar rica, de

ganhar muito dinheiro, apenas queria ser feliz”. (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 83). É certo afirmar que a vida de Dandara só queria ser feliz sendo quem ela era, sem o medo do julgamento, agressões ou dificuldades que a vida lhe apresentaria. Por isso, devido à falta de oportunidade, mas com esses desejos, Dandara entrou no mundo da prostituição, e nesse caminho ela encontrou o início de seu fim. Um fim diferente do seu desejado, pois ela via na prostituição apenas um caminho para realizar seu sonho “Ela queria juntar uma quantia, pagar um bom curso de cabeleireira e montar um salão para ajudar sua família. Era uma travesti com sonho e aspirações” (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 88)

Ao decorrer de sua trajetória, Dandara sofreu diversas violências, físicas, verbais, morais, foi estuprada com um cabo de vassoura, contraiu hepatite, HIV e acumulou sequelas para toda sua vida. Essas partes da vida de Dandara eu não irei expor neste presente trabalho, não foram essas coisas que definem Dandara, mas sim, demonstra seus esforços em se sustentar e tentar dar uma vida melhor a sua mãe.

Após uma longa jornada, tentativas de ganhar a vida na prostituição, entre idas e vindas à São Paulo, uma temporada no Rio de Janeiro e a falta de recursos para tratar as sequelas que ela adquiriu durante esse processo a obrigou a voltar para casa. Nesse momento, a autora chama essa volta de “ela havia voltado para casa, voltava para seu casulo” (HOLANDA, Vitória. 2019, p. 104). Em Fortaleza, em sua casa, junto a família, amigos e onde era conhecida, ela conseguia ter um mínimo de atendimento e tratamento de suas feridas e fardos, e assim ela fez.

E assim foi a vida de Dandara, após sua volta para seu casulo as coisas mudaram, ela tentava se manter por meio de serviços informais, muita das vezes serviços domésticos ou trabalhos braçais. E mesmo dependendo dos recursos financeiros provindos desses trabalhos, ou as vezes em troca de algo que a ajudaria em casa como alimentos, ela nem sempre aceitava o pagamento e fazia alguns trabalhos gratuitamente, como favores a pessoas queridas que ela conhecia e a contratavam, mas ao final, ela não aceitava o pagamento. Mesmo com todas as dificuldades, um tratamento não muito sofisticado e que tinham graves efeitos colaterais, com dificuldade de mobilidade, mas sempre com muita simpatia e alegria, Dandara tentava ganhar a sua vida por meios distintos da prostituição.

No fim, vivendo sua vida apesar de todas as dificuldades, ainda de maneira humilde, com o sonho de ter seu próprio negócio se encontrando distante, dia 15 de fevereiro de 2017, após 5 ligações denunciando agressões contra uma travesti no Conjunto dos Palmares, alertando que “eles” iriam matar ela, depois de horas de torturas, Dandara foi morta num beco.



Mãe de Dandara dos Santos. Senhora Francisca Ferreira ficou desesperada quando soube da morte da filha
(Foto: Reprodução/TV Verdes Mares)

Toda a análise do caso, junto com o parecer judicial aos elementos que espancaram, gravaram e mataram Dandara já está percorrido neste trabalho, e não voltarei a isso. Contudo, para além da reflexão acadêmica que será feita acerca de sexo e gênero acompanhada de dois exemplos cronologicamente distantes.

Dentro da história de Dandara há uma finitude de temas a se abordar, tais como desigualdade social, os problemas da prostituição enquanto um trabalho marginalizado, seus perigos, e ainda mais, os perigos que as pessoas transgênera que se veem obrigadas a realizar para poder se sustentar. No entanto, o enfoque deste trabalho é outro, e a ele eu vou me ater, sendo ele a questão de sexo e gênero.

Deixo uma reflexão de cunho “humano” da parte do livro “O Casulo Dandara” escrito por seu amigo de infância, Cândido Rolim Rodrigues Filho:

“E hoje, imagino que tudo poderia ser melhor se ela, Dandara Ketlely tivesse uma oportunidade de ser ela mesma, sem preconceito, sem rótulos, sem privações, sem a marginalidade com que muitos da comunidade LGBTQ ainda sofrem.”

Cândido Rolim Rodrigues Filho. 2019, p. 131

1.2 Herculine

Este trabalho possui uma questão, uma pergunta que me fiz durante toda a minha pesquisa sobre o caso de Herculine: **Quem se preocupou em saber como Herculine queria ser tratada ou tratado?** Tal pergunta surge porque estamos falando de um sujeito intersexo, nascido em 1838 com o nome de Herculine Barbin.

Ao realizar a pesquisa sobre o caso de Herculine, deparei-me com inúmeros relatos de sua vida, todos baseados em seu diário, que foi o que restou de sua existência. Esses relatos destacam suas alegrias e amarguras, junto com sua trajetória. No entanto, ao ler as entrelinhas desse diário, é possível perceber que ele não narra apenas os fatos de uma vida turbulenta, mas também uma impossibilidade de autodescoberta, que culminou no suicídio de Abel Barbin, que outrora foi Herculine.

Utilizando os textos que encontrei em minha pesquisa, posso afirmar que ninguém, em nenhum momento, se preocupou em saber a opinião do próprio sujeito sobre sua sexualidade ou gênero. Desde a publicação das memórias de Barbin por Foucault em 1978 até o ano de 2014, quando sua obra voltou a ser comentada (pois até então tinha sido "esquecida"), muito se falou sobre a anatomia, o comportamento, a psique e a autópsia de Herculine. No entanto, nenhum relato ou análise levou em consideração o que o próprio sujeito pensava sobre si mesmo, ou como ele queria ser visto. Em textos como os de Claudia Rego, muitas análises e relatos são feitos sobre como a medicina no século XIX tratou o caso de Herculine, e como as áreas da biologia e da psicologia lidaram com essa questão no século XX e XXI, em relação à sexualidade e à identificação de gênero. Além disso, muito se discutiu sobre os aspectos jurídicos: como fica o status civil de um sujeito intersexo, que ao nascimento foi identificado como feminino e mais tarde como masculino? O que acontece com seu registro, suas obrigações sociais, e sua representação como figura feminina ou masculina? Essas questões foram respondidas por terceiros – médicos, o estado – mas nenhuma delas foi feita diretamente a Herculine. Talvez, nem ela mesma soubesse o quanto essas questões eram importantes para si. Pois, no final de sua vida, já sendo forçada a viver como Abel, a vida foi muito dura para ela, o fardo estava pesado e o suicídio pareceu ser uma solução mais fácil.

Fala-se muito sobre a trajetória de vida de Herculine. Ela nasceu em 1838, foi registrada como pertencente ao sexo feminino e sua mãe a levou para um abrigo de órfãos, que outrora funcionava como hospício, mas foi posteriormente administrado por freiras. Essa decisão não foi fácil para a mãe de Herculine, mas, como mãe solteira que trabalhava, enviar a filha para os cuidados de freiras parecia ser a melhor opção, pois lá ela teria uma boa educação, em vez de ficar em condições precárias em casa. No entanto, Herculine não era uma menina órfã, e isso lhe concedia uma atenção especial dentro do orfanato. Em suas palavras, ela se sentia alvo de respeito por ter uma mãe. Durante o período no orfanato, pouco é mencionado em seu diário sobre as diferenças corporais entre ela e as outras meninas. Penso que isso ocorreu, além do privilégio de ter uma mãe, devido ao fato da idade. Herculine entrou no orfanato com 7 anos e lá permaneceu até os 17. Nesse período, as diferenças corporais e o desenvolvimento de um corpo feminino não eram algo notado, pois esse desenvolvimento pode ocorrer em diferentes tempos e cada pessoa amadurece de maneira única.

Contudo, um ciclo se encerrava em sua vida, pois, aos 17 anos, Herculine ingressou em uma escola regular. Nesse momento, ela começa a perceber que era uma pessoa diferente, uma mulher, distinta das outras. De acordo com seus escritos, a primeira coisa que Herculine nota é uma certa vergonha ao se deparar com sua diferença corporal. Essa percepção surgiu quando ela começou a notar a grande distância corporal entre ela e as outras meninas, algo que até então ninguém tinha apontado – nem sua mãe, nem os médicos, nem as freiras que cuidavam dela. Essa mudança de percepção foi um processo pessoal e ocorreu ao se confrontar com o "outro", com a diferença que ela própria começou a notar. Como Claudia Rego aponta, "há uma tomada de consciência de algo que se dá pelo encontro com o outro e não antes disso" (REGO, 2017).

Esse momento marca o encerramento de um ciclo em sua vida, onde se sentia protegida no orfanato, e o início de um novo capítulo, no qual a diferença já se tornava evidente. Herculine, apaixonada por livros e frequentemente citando em seu diário obras como *Metamorfose* de Ovídio, buscava algum conforto nas páginas desses livros, tentando suprimir os pensamentos que considerava errados ou perturbadores. No entanto, ela começou a sentir angústia ao retornar à vida escolar, pois dentro dos muros do orfanato e da escola ela se sentia segura.

Aqui, ao ler as análises de Claudia Rego sobre os diários de Herculine, surge um pensamento intrigante: será que o medo e a angústia de Herculine ao retornar à vida são reflexos do que ela viveu em seu passado? Ao não perceber nenhuma diferença em si mesma enquanto estava no orfanato, a diferença surgiu de forma marcante ao ingressar na escola regular. Sua recusa ao banho de mar, seu receio de tomar banho e trocar de roupa perto das outras meninas, não poderiam ser uma forma de evitar o olhar do outro? Um olhar que trazia novas percepções de diferenças, como aconteceu na sua entrada no colégio? Creio que, além de um medo irracional, havia também o receio de ser vista, de ser confrontada com uma diferença que a confundia ainda mais e a fazia duvidar de si mesma.

Até este ponto da história, percebe-se que, desde o nascimento, muitas coisas foram impostas a Herculine. Ao nascer, o sexo feminino foi-lhe atribuído. Depois, sem uma opção melhor, sua mãe a mandou para um orfanato, onde ela se sentiu confortável até se deparar com a diferença em relação aos outros ao ingressar em uma escola regular. Ninguém perguntou a Herculine o que ela queria, como se sentia ou como via a si mesma. Tudo foi decidido por terceiros – médicos, sua mãe, o estado – sem que ela tivesse voz. O que temos são apenas os relatos de uma pessoa tentando sobreviver, de alguém que começa a perceber suas diferenças ao observar o outro, tornando sua vida ainda mais complexa e seus pensamentos mais turbulentos.

Após se formar, Herculine conseguiu um emprego como professora em um internato para mulheres, no qual conheceu Sara, uma das professoras. Surgiu ali uma grande paixão, que, em muitos momentos, foi tratada com delicadeza, mas também com culpa. Herculine não sabia que era uma pessoa hermafrodita (termo incorreto atualmente, o correto seria "intersexo", mas usarei o termo da época), mas sabia que seu desejo por Sara era errado, pois envolvia sentimentos homoafetivos, algo que ela acreditava ser imoral.

Desesperada por ajuda, Herculine procurou a religião, onde recebeu conselhos que não foram úteis. Em suas confissões, o padre sugeriu que ela se afastasse do mundo e se entregasse à religião, mas sem revelar a ninguém seus sentimentos. Ela retornou à escola, onde continuou a sofrer com sua identidade em conflito.

Eventualmente, após ser submetida a uma consulta médica, os exames determinaram que Herculine era, na verdade, do sexo masculino. A partir desse momento, ela passou a se identificar como Abel. Em Paris, no entanto, Abel não conseguiu emprego, passou fome e não conseguia se relacionar com outras mulheres. Ele se encontrava em um limbo, sem poder desfrutar dos privilégios dos homens nem da sua sexualidade. Abel, agora com roupas masculinas e um novo nome, vivia uma vida solitária, à margem da sociedade.

Por fim, aos 30 anos, Abel cometeu suicídio. Seu diário foi escrito em um período de cinco anos, desde sua infância no orfanato até seu último dia, tudo registrado como lembranças de uma vida triste e solitária.

O fato é que, como Abel, podendo sustentar uma relação heterossexual, afasta-se de Sara. Como homem, Herculine torna-se assexual e desliza para a imaterialidade de um héteros heretaizado, abandonando a posição subjetiva de uma menina com jeito de menino que amava meninas. (REGO, 2017, Pg. 12)

Abel já não conseguia mais encarar a vida no papel que lhe foi imposto, como uma figura masculina no papel de homem. E infelizmente lhe foi tirado a oportunidade de ser uma mulher que gostava de mulheres. Ou na verdade, de uma pessoa hermafrodita, com desejos por mulheres, ou no caso, por amor a uma mulher.

Capítulo 02:

Butler em Problemas de gênero FEMINISMO E SUBVERSÃO DA IDENTIDADE

Porém, a subversão cultural não é realmente a preocupação [...], pois quando a subversão se manifesta ela irrompe das profundezas da cultura só para retornar inevitavelmente a elas.

(Butler, 2023 p. 155)

*Essa daqui é praquelas gay
Que no prézinho já sabia que era gay
A criançada apontava: Cê é muito gay
Já brincava com as barbie: Teu filho é gay, eu bem que te avisei
É praquelas gay que num sabia bem por que era ruim ser gay
Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
Já brigou com Deus: Por que me fizeste gay? Queria ser alguém
Já não temas, gay
Aquilo que não mata fortalece um gay
Sente o quanto te empodera ter nascido gay
Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
É que eu também sou gay
E levante, gay
Que a luta ainda não acabou pras gay
Que a nossa vitória vai ser o close, gay
E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gays é por ser
Gay*

(Gloria Groover, 2017, Interlúdio)

2.1 Heterossexualidade compulsória, binaridade e a estrutura da sociedade.

A orientação sexual “heterossexual” necessita que haja outro indivíduo, do sexo oposto, com desejo pelo sexo oposto, para existir. Ou seja, é uma relação de necessidade de opostos. Esta é uma estrutura presente em nossa matriz cultural, onde tudo é representado pelo “macho” e pela “fêmea”, criando-se, assim, um binarismo para os seres humanos, sendo os dois gêneros o “masculino” e o “feminino”. Por consequência, existe o desejo mútuo de um gênero pelo outro, o oposto. Tais gêneros são definidos e relacionados ao sexo; ou seja, a pessoa que nasce com a genitália pênis é masculina, enquanto a pessoa que nasce com a genitália vagina é feminina. Decorrente dessa determinação do sexo, vem o gênero, onde o sujeito masculino é homem e o sujeito feminino é mulher. Dando continuidade a essa matriz cultural em que vivemos, e seguindo sua lógica, o homem deve sentir atração pela mulher e a mulher pelo homem, sendo assim, a ordem “natural” do mundo.

Deste modo, tendo como parâmetro esse pensamento, qualquer outra identidade de gênero ou orientação sexual que fuja desse padrão é considerada impossível de existir, sendo ilógica a existência de qualquer ser humano que não se enquadre nesse molde.

Portanto, ao criar um modelo tão específico de um “ser”, surgem várias oportunidades de criticar essa matriz. Consequentemente, surgirão diversas outras matrizes subversivas que promoverão uma “desordem do gênero” (Butler, p. 44). Ao falar de um sistema binário, onde tudo é categorizado em dois grupos, há uma limitação para outras possibilidades, uma limitação de múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais, e, consequentemente, uma discriminação àqueles que fogem dessa matriz.

Em *Problemas de Gênero*, Butler esquematiza como seria a unidade de coerência dessa matriz heterossexual. Assim, temos três principais fatores: sexo, gênero e desejo. O (a) sexo necessita de um gênero; aqui, a filósofa não define se é um gênero psíquico ou cultural, mas o sexo apenas precisa de um gênero. E, por sua vez, o (b) gênero precisa de um (c) desejo. E, se tratando dessa matriz na qual vivemos, esse desejo deve ser o heterossexual; isto é, o ser deve ter uma relação de oposição com o outro gênero que ele deseja.

A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. (Butler. p. 52)

Sendo pertencentes a essa matriz que dita a forma com que devemos viver, somos subjugados às suas normas. Assim, qualquer pessoa que não atenda a seus pré-requisitos é vista como à margem da sociedade. Este esquema não expressa apenas a relação “natural” de sexo, gênero e desejo, mas também traça um paralelo entre eles, onde “o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (Butler, p. 52). Isso faz com que se entenda essa suposição como “desejo diferenciador pelo gênero oposto”, o que Butler ressalta ser, nas palavras de Irigaray, o “velho sonho da simetria”, pois vê dois opostos se atraindo, a necessidade de um completar no outro aquilo que falta em você.

A heterossexualidade compulsória é considerada o correto a ser vivido, isto é, um sujeito nasce e a partir daí lhe é determinado seu sexo. A partir desse momento, o sujeito deve, por meio das normas regulatórias da sociedade, performar seu gênero de acordo com seu sexo. Consequentemente, seus desejos devem estar correlacionados ao seu sexo/gênero, criando-se uma troca, uma complementação entre dois seres, com justificativas, como, por exemplo, a necessidade de reprodução. Logo, a matriz ou estrutura regente impõe normas que nos regulam. Questionar essa estrutura coloca uma pessoa à margem da sociedade, tornando-a um excluído, um abjeto. O abjeto tem sua identidade proveniente de um dualismo criado pela estrutura, onde as pessoas que se enquadram nela vivem livremente. Ou seja, voltamos a uma relação de opostos: para que um exista, seu oposto também deve existir.

Para entendermos melhor como essa matriz da heterossexualidade compulsória, que determina o que é correto, cria seus abjetos, buscarei explicar de forma completa, embora objetiva, o termo “abjeto”. O termo deriva da palavra “abjeção”, que, por sua vez, vem do latim *ab-jicere*. Seu significado é literalmente o ato de repudiar ou rejeitar, ou seja, repudiar ou rejeitar algo produz uma relação de diferença entre duas determinadas coisas. Butler utiliza esse termo por meio da noção

psicanalítica de *Verwerfung*, isto é, a ideia de rejeição que a palavra “abjeto” carrega é de “forclusão fundadora do sujeito” (Butler, p. 18).

Ainda com uma leitura de Butler, explicando a utilização de “abjeto” em seu texto por meio de *Verwerfung* e Lacan, temos que, para *Verwerfung*, o sujeito significativo (aqui faço um adendo para dizer que esse sujeito seria aquele que se enquadra na matriz) cria o inconsciente. Para Lacan, “a noção de abjeto designa um estado degradado ou excluído dentro dos termos da sociabilidade” (Butler, p. 18). Isto, pois, na visão da psicanálise, aquele que é abjeto é uma ameaça para a sociedade, pois o seu retorno à sociedade pode causar um abalo em sua fundação.

Diante disso, percebe-se que, ao tratar do termo *abjeto*, a filósofa traz à tona não só um conceito social para representar aqueles que são excluídos, mas também um arcabouço psicanalítico com *Verwerfung* e Lacan, o que permite a Butler explicitar melhor o uso do termo. Assim, vemos que o abjeto vai além de um excluído; ele é um ser rejeitado e repudiado por um sujeito significativo primário que produziu e delimitou sua área, fazendo com que todos os que não atendem aos “pré-requisitos” sejam abjetos.

Vejamos, então, o funcionamento dessa sociedade em que vivemos, uma sociedade cuja fundamentação é uma estrutura, cujas leis regem todos. É nítido que vivemos em uma sociedade binária; observa-se isso no reino animal, onde há o macho e a fêmea, e até mesmo em objetos como o “macho” e a “fêmea” da tomada, onde o macho é representado pela parte com dois ou três pinos e a fêmea pela parte que possui o encaixe para os pinos. São formas de categorizar seres e objetos; no entanto, só o ser humano usa tais categorias para se representar dentro do âmbito social, sendo macho o sexo masculino e fêmea o sexo feminino, por consequência, homem e mulher, respectivamente. Contudo, para além de uma designação “natural” — uso-me do recurso das aspas para me opor a esse termo — tal distinção reflete sobre o gênero do indivíduo, tendo assim o homem e a mulher representarem seus papéis enquanto homem e mulher na sociedade.

Essa afirmação abre um leque para questões importantes, como, por exemplo: de onde vem o que determina o sexo masculino e feminino? Por que, para cada sexo, existe um gênero que o acompanha? E, mais importante, por que, para ser uma pessoa que consegue usufruir de sua liberdade, você precisa seguir esse padrão?

Em *Problemas de Gênero*, Butler faz discussões com outras filósofas acerca do gênero. Ela explicita o pensamento de algumas filósofas que afirmam que o gênero é construído. Tal afirmação faz com que a filósofa questione alguns pontos, como, por exemplo, onde ocorre essa construção, como ela ocorre, quais fatores determinam essa construção e, o que julgo ser a questão mais intrigante: “Porventura a noção de ‘construção’ sugere que certas leis geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais da diferença sexual?” (Butler, 2023, p. 28).

Para uma maior compreensão dessa citação, retomarei o que se compreende como “leis” nesse contexto. As leis a que a filósofa se refere são as que regem a sociedade e buscam a padronização do ser humano a partir da ideia da heterossexualidade e binaridade. Enquanto ela traça um paralelo com a relação de gênero e sexo, a afirmação de que o gênero é construído questiona: se é construído, é por meio de que? Por meio da relação criada entre gênero e sexo? Outra teoria é a de que o gênero é constituído de acordo com a cultura onde o indivíduo está inserido. E, se for o caso, isso diria que a cultura é o fator que determina o gênero mais do que qualquer outro? Mais do que a biologia? No entanto, o sexo é algo físico e biológico? Para concluir essas perguntas, cito a frase: “Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.” (Butler, p. 29).

Na tentativa de responder esses questionamentos, ou alguns deles, Butler usa uma frase de Beauvoir em *O Segundo Sexo*: “Não se nasce mulher: torna-se mulher.” Uma citação forte, onde seu significado feminista eu jamais me atreverei a percorrer, mas cabe a mim interpretá-la, por meio da leitura da minha filósofa principal, como uma representação de gênero do ser enquanto indivíduo. Tendo em mente esse princípio, percebe-se que o “tornar-se” mulher de Beauvoir não está ligado ao sexo — genitália —, mas sim a um papel social, ou seja:

Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”,¹³ não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo. (Butler, 2023 p. 29).

Desse modo, percebe-se que, para além de um olhar comum, ao se fazer um estudo social, é nítido que vivemos em uma sociedade onde a heterossexualidade é vista como a única maneira correta de viver. E, por meio dela, tendo seus princípios como fundamentos, todas as demais orientações são consideradas erradas. Isto, é claro, ocorre em diversas vertentes, como em âmbitos religiosos, alguns científicos, políticos, entre outros. Contudo, com um olhar filosófico, consegue-se entender, ou ao menos tentar, o motivo de tudo isso, seja por meio de uma análise crítica ou de um estudo ontológico e antropológico.

E, para além de uma heterossexualidade compulsória, há também, como algo imposto sobre nós, a correlação entre sexo, gênero e desejo. Claramente, a matriz — aqui me refiro à matriz heterossexual, hegemônica, branca e cis — não dita apenas os desejos, ditando o certo e o errado, mas também a forma como você se vê e deve ser visto. Isto ocorre porque se criou a ideia de que determinado órgão genital corresponde a determinado sexo e, por consequência, a determinado gênero, fazendo assim uma tabela à qual nascemos inseridos e ensinados. Portanto, essa estrutura, que busca embasamentos em diversas áreas do saber, é dificilmente refutada, pois se apresenta como algo tão concreto e definido há tanto tempo que é quase impossível vencê-la. No entanto, talvez vencê-la não seja a opção, pois como se destrói uma estrutura excludente sem criar outra?

Um dos pontos discutidos por Judith Butler em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* é em qual ponto o sexo e o gênero divergem, e como ambos são instituídos. A busca da filósofa é pautada em questionamentos simples, como, por exemplo, perguntas percebidas a partir de minha leitura: onde se inicia o sexo? Por que determinado sexo é atribuído a um ser antes mesmo de ele ter consciência de sua própria existência? Seria o sexo um fator natural, e por isso é previamente determinado? E se for o caso, sendo o sexo natural e biológico, não poderia haver fatores que questionassem sua predeterminação aos seres humanos? Pois, logo, aquilo que é natural deve ser, por si só, imutável e sem falhas. E, enquanto a filósofa levanta algumas questões sobre o sexo, ela se questiona também sobre o gênero, pois este, sim, entende-se como algo culturalmente assumido. Ou seja, o gênero é definido de acordo com a época e o contexto social em que o sujeito está inserido.

Contudo, o gênero seria a forma como uma pessoa deveria ser, em uma visão geral de atitudes, comportamentos e papéis sociais, e este está diretamente relacionado ao sexo. Esse é o que a autora chama de “sistema binário” (Butler, 2023, p. 26), pois a binaridade do sexo reflete a binaridade do gênero, onde o gênero “homem” se aplica ao sujeito masculino, atribuindo-lhe o papel de “homem” na sociedade em que vive, e o gênero “mulher” é dado ao sujeito feminino, com o mesmo acontecendo com o papel que tal indivíduo ocupará na sociedade. Esse paralelo entre sexo e gênero é expresso por Butler como “corpos sexuados [...]” (Butler, 2023, p. 26), o indivíduo previamente concebido como sendo do sexo masculino ou feminino, “[...] e gêneros culturalmente construídos” (Butler, 2023, p. 26).

Ou seja, dentro de um sistema binário, vivendo em uma sociedade que possui uma estrutura estabelecida que dita o certo e o errado, existem apenas duas opções: masculino e feminino, homem e mulher.

2.2 Lévi-Strauss e Lacan

Dando continuidade a leitura de Butler, a filósofa utiliza dos escritos de Lévi-Strauss para tentar entender o surgimento da binaridade no ser humano, e para isso Butler utiliza Lévi-Strauss, e através de seus estudos, tentar entender esse surgimento. Enquanto trarei uma leitura de Butler de Lévi-Strauss, tratei também como referências alguns trechos do livro “*Totem e Tabu*” de Freud.

É dito por Butler que a ideia de Lévi-Strauss sobre a diferenciação entre o conceito de homem é mulher, é ao mesmo tempo, o que vincula. Isto é:

Para Lévi-Strauss, a identidade cultural masculina é estabelecida por meio de um ato aberto de diferenciação entre clãs patrilineares, em que a “diferença” nessa relação é hegeliana — isto é, distingue e vincula ao mesmo tempo. (Butler, 2023 p. 79)

Isso ocorre, pois, da necessidade de criar laços como um clã diferente, sendo a mulher o objeto de troca, uma troca que se concretiza com o matrimônio, sendo assim, uma mulher de um clã é oferecida como dote a um homem de outro clã, criando assim um laço entre dois clãs diferentes.

O discurso estruturalista tende a se referir à Lei, no singular, seguindo o argumento de Lévi-Strauss de que existe uma estrutura universal da troca reguladora que caracteriza todos os sistemas de parentesco. Segundo As estruturas elementares de parentesco, as mulheres são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco, sendo ofertadas como dote de um clã patrilinear para outro, por meio da instituição do casamento. (Butler, 2023 p. 77)

Ou seja, o casamento entre membros de dois clãs, partindo do princípio de que esses dois membros possam reproduzir, gerava, além de um vínculo interno, a possibilidade de facilitar outros vínculos, como, por exemplo, o comércio. Nas palavras de Butler, sobre essa leitura de Lévi-Strauss, a mulher oferecida, que se torna noiva, servia como um símbolo e uma permuta, pois “Como lugar da permuta

patronímica, as mulheres são e não são o signo patronímico, pois são excluídas do significante, do próprio sobrenome que portam” (Butler, 2023, p. 77).

Para que possamos entender melhor o contexto da visão de Lévi-Strauss, explicarei o que Freud diz sobre a “Horda primeva de Darwin” em sua obra *Totem e Tabu*. Essa obra nos permite refletir sobre como pode ter surgido o tabu do incesto e a “heterossexualidade exogâmica” (Butler, p. 81), que Judith descreve como sendo “a obra ou realização artificial de uma heterossexualidade não incestuosa, obtida mediante a proibição de uma sexualidade mais natural e irrestrita”. Portanto, seria o tabu do incesto anterior ao tabu da homossexualidade?

Em *Totem e Tabu*, Freud, a meu ver, cria um cenário que nos permite compreender melhor a situação de que ele trata. Imagina-se uma horda, um clã, um grupo de pessoas onde existe um homem que é tido como líder. Tal homem alcançou sua posição devido ao seu porte físico, habilidades de caça e força, entre outras qualidades. Essa figura representa a autoridade dentro da horda. Esse homem reserva para si todas as fêmeas, sendo elas suas filhas ou não, as fêmeas o pertencem. Enquanto isso, todos os filhos homens, ao atingirem certa idade, são expulsos da horda. Isso ocorria porque, ao crescerem, esses homens começavam a sentir atração pelas mulheres que o líder possuía. No entanto, mesmo sendo líder e tendo acesso a todas as fêmeas, enquanto excluía os machos, ele ainda representava uma figura paterna, já que, dentro da horda, ele era o pai de todos — aquele que caçava, buscava o alimento e oferecia os cuidados necessários a todos. Contudo, apesar de exercer essa representação de uma figura paterna, o líder expulsava seus filhos homens e se relacionava com suas filhas mulheres.

Tendo em mente todo esse cenário, o grupo de filhos homens expulsos da horda decide matar o pai, independente do motivo, e assim o fazem: “Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva” (Freud, *Totem e Tabu*, p. 141). Com a morte daquele que era o pai e o líder, surgiu a necessidade de algumas coisas, como a moral, a religião e as leis. Talvez, sob esse ponto de vista, esse tenha sido o ato que desencadeou um avanço cultural.

Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. (Freud, p. 141)

Portanto, a partir da morte do pai, e com a internalização dos sentimentos que os expulsos tinham por ele, tanto os positivos quanto os negativos, tanto o ódio pelo controle que o pai tinha sobre eles até de suas reivindicações sexuais, mas que ainda assim o amava e o admirava. Desse modo, apareceu o sentimento de arrependimento por ter extinguido aquele que mantinha todas as coisas em ordem. Tendo percebido tamanha crueldade de seus atos, os irmãos que haviam matado o pai impuseram uma lei, que hoje vemos como o tabu do parricídio. No entanto, tendo essa mesma situação a origem de dois tabus, além do parricídio, provindo do sentimento de culpa pela morte do pai, surgiu também o tabu do incesto, ato o qual o pai praticava, e por causa disso gerou a expulsão dos filhos machos.

Em seu texto *Totem e Tabu*, Freud faz alguns apontamentos que vão encaminhar a linha de raciocínio para o complexo de Édipo, já que aqui estamos falando de internalizações de sentimentos a uma figura paterna.

Para achar verossímeis estas consequências, fazendo abstração de suas premissas, basta supor que o bando de irmãos rebeldes era dominado, em relação ao pai, pelos mesmos sentimentos contraditórios que podemos discernir no conteúdo do complexo paterno de nossas crianças e nossos neuróticos. (Freud, p. 141)

E, portanto,

Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva. (Freud, p. 141-142)

Ou seja, a partir desses dois tabus, por meio da interpretação aqui feita, e por meio dela, conclui-se que foi nesse momento em que começou a criar-se uma estrutura que veríamos mais claramente algum tempo depois, uma estrutura que está entranhada em nós, uma estrutura que molda a sociedade. Sendo assim, por meio

da análise dessa teoria de uma sociedade diferente e anterior a que conhecemos, vemos que o que temos hoje é pautado, não somente, em preconceitos religiosos ou um moralismo enraizado, mas sim pelo fato de vivermos em uma sociedade que tem seus princípios cravados em um conservadorismo que se justifica por meio da religião, por meio de questões biológicas, fazendo com que assim apenas aqueles que se encaixam no seu padrão possam exercer sua vida com plenitude, incluindo direitos civis, oportunidade de emprego e estudo, moradia e alimentação, pois aqueles que são considerados fora do padrão têm sua liberdade usurpada de si mesmo em prol de uma estrutura heterogênea.

Sendo assim, para o filósofo que aqui estou me referindo, Lévi-Strauss, os dois tabus, tanto da homossexualidade quanto o do incesto, se instauram como verdades naturais, isto é, o conceito da heterossexualidade e de não praticar incesto, ser hétero e se relacionar com alguém de fora de sua família, são de certa forma, culturas universais.

Para Lévi-Strauss, tanto o tabu contra o ato do incesto heterossexual entre filho e mãe como a fantasia incestuosa instalam-se como verdades culturais universais. Mas como se constitui a heterossexualidade incestuosa como matriz ostensivamente natural e pré-artificial do desejo, e de que modo se estabelece o desejo como prerrogativa heterossexual masculina? Nessa perspectiva fundadora do estruturalismo, a naturalização tanto da heterossexualidade como da agência sexual masculina são construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas. (Butler, 2023 p. 83)

Na passagem citada acima, vemos que há uma concordância sobre a naturalização da heterossexualidade e o desejo sexual do indivíduo heterossexual. No entanto, ao mesmo tempo em que há esse consenso, não se apresenta uma explicação clara sobre a origem dessa ideia universal, que é sempre aceita e tida como verdade.

Por meio de uma interpretação lacaniana de Lévi-Strauss sobre a proibição do incesto, tem-se como base ou explicação a cultura, entendida “primordialmente como um conjunto de estruturas e significações linguísticas” (Butler, p. 83). Para Lacan, a

linguagem da cultura, onde já ocorre a proibição por meio da fala, oralidade, é uma lei que é introduzida ao ser humano ainda em sua infância.

Lacan sugere que o ser humano consegue expressar sua insatisfação, o desejo reprimido por uma figura parental (pai, mãe ou qualquer outra figura de autoridade), por meio da fala: “[...] uma sublimação que nunca satisfaz realmente” (Butler, 2023, p. 83). Ainda dentro da teoria de Lacan, o filósofo propõe uma teoria sobre os gêneros. Em meu ponto de vista, essa teoria busca explicar a razão da existência, ou da insistência na existência, de dois gêneros: masculino e feminino. Para os próximos momentos, chamarei essa teoria de “Teoria do Falo”.

No entanto, antes de adentrar na Teoria do Falo de Lacan, há uma ressalva a ser feita. Esta teoria foi primeiramente proposta por Freud e posteriormente aprofundada por Lacan. Dessa forma, é importante ter em mente que o termo “falo”, aqui utilizado, não se refere ao conceito popularmente conhecido como pênis. O sentido atribuído a esse termo vai além de um órgão genital que define um sexo, mas sim ao fator de identificação, ou seja, a existência ou a ausência do falo.

Agora, sob uma perspectiva lacaniana, o falo, para além de um órgão, é o que vai determinar o objeto de desejo de um indivíduo após ele tomar consciência de seu falo. Isto é, o sujeito consegue identificar-se por meio do seu falo e, conseqüentemente, descobrir o seu desejo. “E de saída, por que falar de falo e não de pênis? É que não se trata de uma forma ou de uma imagem ou de uma fantasia, mas de um significante, o significante do desejo” (Lacan, 1958, p. 696).

Nas palavras de Butler, com base na teoria do Falo de Lacan, existem duas formas de denotação para se referir a essa teoria: “ser” o Falo e “ter” o Falo. Essas duas denotações podem ser associadas aos dois gêneros: masculino e feminino. Tendo isso em mente, qual gênero representa qual? Butler explica que o “ser” o falo significa ser o objeto de desejo de outro alguém, enquanto quem “tem” o falo precisa que esse Outro que “é” o falo seja o seu falo de forma mais ampla, não apenas no sentido sexual. Isso quer dizer que “ser” o falo representa o gênero feminino, a mulher, e “ter” o falo representa o gênero masculino, o homem.

No entanto, Lacan insiste em lembrar que a situação de “ser” e “ter” o falo é uma denominação dentro de sua teoria. Ele diz que o homem “ter” o falo é apenas uma forma de garantir que ele não será castrado, enquanto a mulher “ser” o falo é

uma maneira de se proteger por não ter um falo a ser castrado, tornando-se o símbolo de quem tem o falo que a procura para se completar. O conceito de "castração" provém da teoria freudiana, onde, na infância, as crianças, ainda sem compreender o sexo binário, percebem que a menina não possui um pênis (o que, na cabeça de uma criança, não é necessariamente uma questão sexual, já que ela ainda não sabe que existem dois sexos). Para ela, a menina foi castrada, pois seu "pênis" foi arrancado.

No entanto, essas denominações foram feitas com base no que um deveria exercer sobre o outro. Como Butler afirma: "Para as mulheres, 'ser' o falo significa refletir o poder do falo, significar esse poder, 'incorporar' o falo, prover o lugar em que ele penetra, e significar o falo mediante a condição de 'ser' o seu Outro..." (Butler, p. 85). Por sua vez, o homem, que "tem" o falo, precisa que o ser que "é" o falo o confirme, além de poder exercer uma certa superioridade sobre aquele que "é" o falo.

Ao afirmar que o Outro a quem falta o Falo é aquele que é o Falo, Lacan sugere claramente que o poder é exercido por essa posição feminina de não ter, e que o sujeito masculino que "tem" o Falo precisa que esse Outro confirme e, conseqüentemente, seja o Falo em seu sentido "ampliado".¹³ (Butler, 2023 p. 85)

Não existe, ao menos eu não achei, nenhuma referência direto dentro das obras da Butler ou de Lacan o que irei supor a seguir. No entanto, em meu ponto de vista, a necessidade do ser que "tem" o falo precisar da confirmação do ser que "é" o falo me vem à mente, imediatamente, a necessidade da constante afirmação que o homem cis hétero precisa fazer para sociedade para provar ser hétero. Esse pensamento me ocorreu, pois, aquele que não sente tal necessidade de afirmação de sua orientação sexual, porque ela seja heterossexual, tal indivíduo, e aqui falando sobre o homem cis, muita das vezes tem sua orientação questionadas por outras pessoas, podendo sofrer bullying por isso, apenas pelo fato de não afirmar e constantemente reafirmar, sua heterossexualidade que depende do desejo e a confirmação do sexo oposto, ou seja, o ser que "é" o falo.

2.3 Complexo de Édipo

Na tentativa de dar continuidade ao estudo sobre sexualidade e gênero, ainda com uma leitura de Judith Butler em sua obra já citada *Problemas de Gênero*, a autora faz referência a um filósofo anterior a ela, que também abordou a sexualidade de acordo com os conhecimentos disponíveis em sua época. Esse filósofo em questão é Freud, e a seguir apresentarei uma leitura de Butler sobre o Complexo de Édipo.

Para nos introduzir a esse assunto, Judith Butler nos apresenta o conceito de morte na obra *O Eu e o Id*, onde Freud explica que a melancolia, que o ser humano sofre ao perder alguém que ama, é fundamental para a "formação do eu", pois, no momento do luto, ocorre um processo de internalização do ente perdido, o que gera características no indivíduo que sofreu a perda.

Sendo assim, em seu subcapítulo "Freud e a melancolia do gênero", a filósofa Judith Butler nos apresenta alguns conceitos e ideias de Freud. Inicialmente, ela trata dos escritos do filósofo em seu ensaio de 1917, *Luto e Melancolia*. Nesse momento, a autora nos traz uma síntese do que Freud acreditava que ocorria quando um indivíduo perdia um ente querido. Logo é dito que:

Na experiência de perder um ser humano amado, argumenta Freud, o eu incorpora esse outro em sua própria estrutura, assumindo atributos do outro e "preservando-o" por meio de atos mágicos de imitação. (Butler, 2023 p. 107)

Ou seja, quando o indivíduo perde um ente amado, na necessidade de manter algo desse ente para aliviar a dor e a saudade, o sujeito internaliza o ente perdido em si próprio, fazendo uma incorporação. Esse processo, a partir da perda, vai moldar a estrutura do ser, pois ele começará a buscar acolher em si mesmo características que representem a sua perda. Assim, cria-se uma estrutura de identidade para esse ser, uma nova estrutura de identificação com atributos semelhantes ou iguais aos da sua perda.

Dessa forma, com uma leitura freudiana, Butler continua. Em seguida, a autora começa a explorar, com base na internalização e incorporação descritas por Freud, situações em que o mesmo processo ocorre, porém sem a morte de outro ser. Ou

seja, ainda dentro da teoria de Freud sobre a formação da sexualidade do ser humano, é expresso que a internalização dos desejos reprimidos formará o eu. Ou seja, decorrente do processo de internalização de uma figura que representa seu desejo sexual, o qual é proibido e reprimido, forma-se o desejo sexual do sujeito.

Bem, onde se inicia a ideia de que ocorre uma internalização proveniente de uma perda para a formação de gênero e sexualidade de um sujeito? Para que possamos compreender onde a teoria da perda e melancolia de Freud se torna pertinente para a formação do gênero e da sexualidade de um indivíduo, temos que ter em mente duas coisas: a primeira é que, para essa internalização ocorrer, não necessariamente outro sujeito precisa morrer, e a segunda, é saber da proibição do incesto em nossa sociedade. Ambas as coisas estão ligadas dentro da ideia de internalizar uma perda. Isso ocorre porque, para o sujeito, devido à proibição do incesto, ocorre a perda de um objeto amoroso, sendo o primeiro objeto amoroso o pai ou a mãe. Com a perda do objeto do amor proveniente da proibição do incesto, que é um tabu social, o eu internaliza esse objeto do tabu do incesto.

Tais afirmações fazem parte das especulações de Freud a respeito da formação do eu, neste caso, sua sexualidade e/ou gênero. Esse processo de internalização ocorre ainda na infância do eu. Isso acontece porque Freud acreditava que todo ser possui uma predisposição à bissexualidade, talvez não a bissexualidade que conhecemos hoje, mas sim no sentido de que nascemos predispostos a desejos, e esses desejos não dependem de um determinado sexo. Dessa forma, na formação de um menino, ocorre uma identificação com o pai, o que é chamado de “identificação menino-pai”.

Para que possamos entender a expressão *Complexo de Édipo*, irei narrar, de forma breve e sucinta, o mito de *Édipo Rei*, narrativa que se encontra na obra de Sófocles – *Édipo Rei*. Como ponto de partida, devemos ter em mente que esse mito foi muito utilizado para ilustrar a ideia de que não há como fugir do que lhe é determinado, pois trata-se de uma série de profecias que, apesar das tentativas de evitá-las, todas se cumpriram.

Criado em uma cidade por um pai e uma mãe, Édipo, ainda apenas um cidadão comum, porém descrito como corpulento, vai até o oráculo, onde recebe a profecia de que ele mataria seu pai e desposaria sua mãe.

"[...]que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, [...]" (SÓFOCLES, 1998, p. 57)

Aterrorizado por tamanha atrocidade ele foge de sua cidade. Peregrinando sem rumo Édipo é açoitado por um guarda de uma caravana, e consumido pela raiva, ele mata não só o guarda, mas também todos da caravana, incluindo o rei que ali estava. Continuando sua peregrinação, Édipo chega à uma cidade onde lá ele é declarado rei, após atos heroicos para com a cidade, e se casa com a antiga esposa do rei que ali não estava.

No entanto, a cidade que outrora foi salva por Édipo encontrava-se em cólera, sendo assim, Édipo, já rei, pediu conselhos de um senhor que se dizia vidente, o mesmo que disse que a culpa da cidade estar enfrentando tantos problemas era de Édipo. Tomado por raiva e dúvida o Rei Édipo começa investigar seu passado por meio de conselheiros, videntes e testemunhas que poderiam lhe esclarecer sua história.

Portanto, ao fim de sua investigação, o Rei Édipo descobriu a verdade. Muitos anos antes a mensagem de um oráculo foi enviada ao antigo rei da cidade que ele estava reinando, cuja mensagem dizia:

"Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apolo em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento." (SÓFOCLES, 1998, p. 34-35)

Após receber tal profecia, Rei Laio mandou seu filho para longe, para que assim não corresse o risco de ser morto por sua prole, e era sabido que o Rei Laio havia sido morto em uma emboscada voltando ao seu reino. No entanto, o desenrolar da história ocorre quando o primeiro vidente diz a Édipo que a culpa era dele pela cidade estar enfrentando tamanha cólera pois, "Ver-se-á, também, que ele é ao

mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara" (p. 21). E então, após suas investigações chegarem a um ponto onde tudo se conectou, Édipo entendeu.

E a expressão *Complexo de Édipo* vem da conclusão desse mito. O Rei Édipo era filho de Laio, o Rei que recebeu a profecia que seu filho o mataria, tendo então o mandado para longe para que assim não o fizesse. E quando Édipo recebeu a profecia, ainda na cidade em que foi criado e fugiu, no caminho ele matou seu pai, pois era Laio quem Édipo encontrava e matara. E ao chegar na cidade onde ele casou-se com a ex-esposa do Rei, ele se casou com sua mãe, e com ela teve filhos, e sendo assim, cumprindo tanto a profecia recebida por Laio quanto a sua.

Apesar de Freud se utilizar do complexo de Édipo para explicar essa identificação do menino com o pai e o repúdio pela mãe, nota-se uma escolha, escolha essa que é feita levando em consideração que todo sujeito possui predisposições de desejos "bissexuais". Tendo o menino escolhido o repúdio e internalização da mãe e a identificação com o pai, isto é, a heterossexualidade, por meio de quais critérios é feita essa escolha? Creio que a resposta à essa pergunta seja tão óbvia para todo mundo quanto é para mim, vivemos em uma sociedade que impõe a heterossexualidade compulsório, logo, fazer uma escolha que te afaste dos padrões, não só de desejo, mas também de comportamento heterossexual, pode gerar medo no sujeito.

"[...] isto é, do medo da "feminização", associado com a homossexualidade masculina nas culturas heterossexuais. Com efeito, não é primordialmente o desejo heterossexual pela mãe que deve ser punido e sublimado, mas é o investimento homossexual que deve ser subordinado a uma heterossexualidade culturalmente sancionada." (Butler, p. 110)

Portanto, nota-se que, para além do Complexo de Édipo utilizado por Freud, a escolha feita pelo eu deriva de um tabu que talvez seja anterior ao incesto, e sim ao tabu da homossexualidade, tendo em vista que nem sempre é apenas o fator da proibição ao desejo pelo pai ou pela mãe que determina a escolha de um menino entre a representação do feminino e do masculino.

Após o repúdio pela mãe, considerando uma situação em que o menino, por algum motivo, a repudiou, ocorre o processo que Freud chama de "consolidação". É nesse momento que acontece a internalização da figura feminina, a mãe, o que pode gerar a identificação com a mãe, ou essa identificação pode ser direcionada ao pai. Assim, ocorre a identificação com a masculinidade e, tendo sido feita tal escolha, ocorre a identificação do menino com a heterossexualidade. Pois, se, em vez de direcionar sua identificação ao pai, o eu a direcionar à mãe, o eu cria um superego feminino, adquirindo, assim, características femininas e desejos libidinosos femininos, ou seja, homossexualidade.

Essa teoria também se aplica caso o indivíduo em questão seja uma menina. Pois o Complexo de Édipo acontece da mesma maneira, sendo "positivo" a identificação da menina com a mãe, o que fará com que ela direcione sua identificação à representação feminina, resultando na heterossexualidade. E será de fator "negativo" se ocorrer a identificação com o pai, pois isso levaria à identificação com a representação masculina, ou seja, à homossexualidade.

Quanto à menina, o complexo de Édipo também pode ser "positivo" (identificação com o mesmo sexo) ou "negativo" (identificação com o sexo oposto); a perda do pai, iniciada pelo tabu do incesto, pode resultar numa identificação com o objeto perdido (consolidação da masculinidade) ou fazer com que o alvo se desvie do objeto, caso em que a heterossexualidade triunfa sobre a homossexualidade [...] (Butler, 2023 p. 111)

No entanto, neste momento, gostaria de esclarecer um ponto a respeito de um dos fundamentos dessa teoria. O conceito de "predisposição" foi utilizado aqui por mim, pois Butler o utiliza em sua obra, e ela se baseia nesse conceito a partir de sua leitura de Freud, que emprega esse termo. Contudo, há uma ressalva a ser feita sobre uma observação que Butler faz a respeito de Freud. Após explicar sua teoria do Complexo de Édipo no contexto de uma menina, o filósofo menciona as escolhas feitas com base nas "predisposições" e, logo depois, coloca entre travessões a expressão "– o que quer que seja isso –" (Freud, p. 22).

Ao tentar investigar o que seriam essas "predisposições" de Freud, Judith Butler conclui que, na teoria da bissexualidade, as predisposições são sempre

direcionadas à figura que gerará um desejo heterossexual: “Assim, não há homossexualidade na tese de bissexualidade primária de Freud, e só os opostos se atraem” (Butler, p. 112). Butler atribui esse fato na teoria de Freud à condição imposta pela sociedade de heterossexualidade compulsória. Partindo do princípio de que vivemos em uma sociedade onde ser hétero cis é a única alternativa correta, e onde ser ou agir dessa maneira nos é ensinado desde a primeira infância, pode-se crer que as “predisposições” internas de um indivíduo sempre tendem à heterossexualidade. No entanto, como afirmado na teoria de Freud — termo também utilizado por Butler entre aspas — pode ocorrer que, no momento da escolha do objeto de desejo, o processo de internalização seja “errado” e aconteça de forma “negativa”.

Tendo explicado não apenas a teoria de Freud por meio do Complexo de Édipo, mas também a interpretação de Butler sobre o mito de Édipo, vejamos agora a resolução desse complexo sob o ponto de vista de Butler. Para que essa explicação seja mais clara e objetiva, tomei a liberdade de criar um esquema para melhor compreensão, embora opte por discorrer sobre ele ao invés de apresentá-lo diretamente.

Temos como ponto de partida o EU, o sujeito, que já nasce em uma sociedade cuja estrutura é heteronormativa, representada pelo homem hétero cis branco — uma sociedade onde o tabu do incesto já está estabelecido. Esse “EU” terá um objeto de desejo, que geralmente é representado por uma figura masculina e uma feminina, comumente o pai e a mãe, mas também pode ser outras figuras que desempenhem esses papéis. Com a presença do objeto, surge o desejo pelos progenitores ou figuras semelhantes. É nesse momento que ocorre a “escolha”, e a partir daí a internalização, o repúdio, a aceitação ou a negação. Pois é no momento de desejar o objeto que se estabelece a proibição do incesto como tabu, assim como o tabu do “homossexualismo”.

Após o sujeito fazer sua “escolha” conforme as condições socialmente estabelecidas, ou como dizia Freud, de acordo com suas predisposições, ocorre a internalização desse objeto de desejo. Contudo, tendo em mente que estamos tratando de um sujeito socialmente considerado homem, um menino ainda em sua infância, temos dois cenários possíveis: a aceitação ou a negação. Ou seja, no processo de internalização, o sujeito, criança homem, ao aceitar a internalização do

pai e repudiar o desejo pela mãe, cria como objeto de desejo uma figura feminina. Assim, ao repudiar a mãe e internalizar o pai, ocorre uma não incorporação do desejo pela mãe, e o desejo se volta para aquilo que anteriormente lhe era negado. Por outro lado, quando ocorre uma negação — isto é, quando o sujeito nega não somente o tabu do incesto, mas também o da homossexualidade — a internalização se dá, pois há uma internalização do objeto amoroso do mesmo sexo, e o resultado é o sujeito homossexual.

2.4 Foucault: A Lei repressiva

Para compreender melhor, ou até mesmo tornar a teoria mais “palpável”, Butler se utiliza de Foucault para explicar o que seriam as “predisposições” ditas por Freud. Essas predisposições fazem com que o sujeito internalize e passe pelo Complexo de Édipo, obtendo resultados negativos ou positivos.

Muito se fala sobre o tabu do incesto na teoria freudiana e como esse tabu, que está de certa forma impregnado em nossa sociedade e, conseqüentemente, em nossa forma de ver nossos progenitores, leva o indivíduo a passar por um processo que determinará sua identidade. Contudo, é certo afirmar que, além da proibição do incesto, existe também a proibição da homossexualidade, uma vez que vivemos em uma sociedade onde a heterossexualidade é considerada o padrão.

Mas então, como Butler explicará essas “predisposições” que nem mesmo Freud conseguiu explicar com exatidão? A autora se utilizará de Foucault para trazer, de forma mais concreta, a origem dessas predisposições. No início de sua explicação, a filósofa retorna ao Complexo de Édipo, pois Freud, apesar de não dizer diretamente, leva a uma conclusão óbvia. Para Butler, o tabu da homossexualidade deve “vir” antes do tabu do incesto, pois é justamente o tabu da homossexualidade que cria as “predisposições” que fazem o sujeito tender a uma sexualidade específica, permitindo que o Complexo de Édipo ocorra. Ou seja, para que o Complexo de Édipo se desenvolva com o menino ou a menina já tendo um objetivo heterossexual incestuoso, o tabu da homossexualidade já deve ter ocorrido, pois as “predisposições” já teriam agido. Contudo, esses “fatos primários ou constitutivos da vida sexual são efeitos de uma lei” (Butler, 2023, p. 117).

Sendo assim, Judith percebe que essas predisposições não são difíceis de explicar ou buscar suas origens, pois são nada mais do que “vestígios de uma história de proibições sexuais impostas, uma história que não é contada, cujas proibições buscam torná-la indizível” (Butler, 2023, p. 117-118). Ou seja, o que será chamado de “A lei” tem como objetivo transformar o que provém dela, as proibições, em algo natural, as predisposições. A lei, portanto, não só produz e dissemina a sexualidade heterossexual como a única e natural, mas também se justifica com as “predisposições”, criadas por ela mesma e tidas como naturais. A lei, para além de

regular as sexualidades, exclui uma genealogia mais ampla e tenta esconder as origens culturais das proibições e das relações de poder.

Utilizando a obra *História da sexualidade I* de Foucault, Judith Butler observa a crítica feita por Foucault à lei repressiva. A crítica de Foucault está na pressuposição de um desejo primário, onde essa lei age, e, com “desejo”, Foucault entende o desejo enquanto gozo e não o conceito lacaniano. Para Foucault, essa lei reprime ou “transmuda” (Butler, 2023, p. 118) o desejo primário para algo que não necessariamente é o que o sujeito deseja, processo esse que é chamado de deslocamento.

Portanto, ainda em uma perspectiva foucaultiana, esse primeiro desejo do sujeito, ainda em sua infância — tendo em mente as “predisposições” que o levam a passar pelo Complexo de Édipo de Freud — é reprimido ou deslocado para uma alternativa mais aceitável socialmente, sendo tudo um efeito da própria lei. Ou seja, o que Freud afirmou sobre o ser humano nascer com predisposições que o conduzirão a uma heterossexualidade aceita pela sociedade ou à homossexualidade, é, na verdade, um produto de uma lei que sempre existiu. Essa é uma lei que esconde fatos ontológicos e históricos, no sentido de evolução, pois cria estratégias por meio de discursos de poder para exercer uma função punitiva sobre aqueles que não a seguem, gerando, assim, uma “prática discursiva produtora ou generativa” (Butler, 2023, p. 119).

Em outras palavras, Butler, por meio de Foucault, que, por sua vez, faz uma crítica a Freud, expõe que as tais “predisposições” alegadas por Freud — no momento em que o sujeito, em sua infância, passa pelo Complexo de Édipo e, por meio do tabu do incesto e suas predisposições, se identifica como heterossexual ou com outra sexualidade — não são nada mais do que uma lei já existente. Uma lei que não só regula a sexualidade e a orientação das pessoas, mas também cria uma narrativa para justificar sua existência, narrativa essa disseminada por um discurso de poder que, muitas vezes, se apoia na lei jurídica.

Contudo, podemos observar que tanto Freud quanto Foucault estão se complementando, em um trabalho que está sendo desenvolvido na contemporaneidade por Judith Butler. Por conseguinte, a partir dessa apresentação da lei repressora, vejamos o complemento e uma provável justificativa de sua

existência por meio da visão de Foucault. Para essa justificativa, Foucault defende a lei produtiva, mas sem necessariamente um desejo primário, ou seja:

“Foucault defende uma lei produtiva sem a postulação de um desejo original; a operação dessa lei se justifica e se consolida pela construção de uma explicação narrativa de sua própria genealogia, a qual de fato mascara sua própria imersão nas relações de poder. Assim, o tabu do incesto não reprimiria nenhuma predisposição primária, mas criaria efetivamente a distinção entre as predisposições “primárias” e “secundárias”” (Butler, 2023 p.131)

Ou seja, a lei repressora cria uma narrativa por meio de uma lei produtiva para que sua consolidação ocorra, gerando, dessa forma, uma justificativa que serve para esconder o que Foucault se refere como "relações de poder". No entanto, para além de uma relação de poder criada pela lei repressiva, que obriga o sujeito a "escolher" a heterossexualidade e a se envolver com o sexo oposto, onde homem e mulher exercem poder um sobre o outro, essa lei também propaga a falsa ideia de que a heterossexualidade é algo natural e a homossexualidade é incorreta, pois duas pessoas do mesmo sexo não podem procriar e, assim, dar continuidade à espécie.

Além do desejo dos grupos sociais de se reproduzirem, assegurando a perpetuação de seus princípios, o tabu do incesto também preserva e resguarda a ideia da exogamia. No entanto, como pressuposto para essa preservação, surge a necessidade de uma heterossexualidade obrigatória, o que leva à proibição da homossexualidade.

Uma autora frequentemente comentada por Butler é Gayle Rubin, pois a filósofa utiliza seus ensaios sobre psicanálise por meio de uma visão lacaniana, que contempla Lévi-Strauss e as relações de parentesco. Butler recorre a essa autora para retornar ao ponto em que o tabu da homossexualidade antecede o tabu do incesto. Esse retorno é necessário para entender a origem da proibição da homossexualidade, conectando-a ao poder do discurso que mantém a ideia de que qualquer indivíduo precisa ser heterossexual.

Cito agora uma passagem de Rubin que Butler também menciona em sua obra *Problemas de Gênero*:

o tabu do incesto pressupõe um tabu anterior, menos enunciado, contra a homossexualidade. Uma proibição contra algumas uniões heterossexuais supõe um tabu contra as uniões não heterossexuais. O gênero é não somente uma identificação com um sexo; ele também implica que o desejo sexual seja dirigido para o sexo oposto. A divisão sexual do trabalho está implícita em ambos os aspectos do gênero — ela os cria masculino e feminino, e os cria heterossexuais (Rubin, p. 180).

Essa distinção entre feminino e masculino, bem como a ideia de “sexo/gênero”, são elaborações estruturais que funcionam como um mecanismo regulador. Ao criar categorias, cria-se também uma hierarquização. E, dentro de um cenário estruturado e dividido, ainda se encontram, até os dias de hoje, os resíduos das “trocas de mulheres” entre famílias e a imposição da heterossexualidade. Isso ocorre porque, ao se estabelecer categorias, são delegados papéis sociais, e, a partir desses papéis, exigem-se certos comportamentos.

No entanto, seria possível imaginar um tempo em que a lei repressora ainda não existisse e, portanto, não houvesse uma estrutura binária de sexo e gênero? Butler afirma que pensar em um mundo “antes da Lei”, como a ideia de uma bissexualidade primária ou “polimorfismo ideal” (p. 133), é o mesmo que sugerir que a lei é anterior à sexualidade. No entanto, se considerarmos a crítica de Foucault, que já foi mencionada, sobre a teoria da lei repressora em relação ao tabu do incesto, veremos que a lei repressora produz tanto a heterossexualidade, que é a orientação aceita pela sociedade, quanto a homossexualidade. Ambas fazem parte dos efeitos dessa lei, que estão no campo da ontologia e do tempo. Ou seja, pensar em um “antes da lei” é, na verdade, pensar a partir de parâmetros construídos pela lei. Essa hipótese é chamada de paradigma da lei repressiva.

Capítulo 03:

Conclusão... ou epígrafe?

Hoje me olhei no espelho

Hoje, me reconheci

Ontem eu também me olhei no espelho

Ontem, eu não me reconheci

Amanhã me olharei no espelho

Amanhã, não sei se me reconhecerei

(CAIXETA, Lucas. 2024)

Give yourself prudence and love your friends

Subway kid, rejoice your truth

In the religion of the insecure

I must be myself, respect my youth

A different lover is not a sin

Believe capital H-I-M (hey, hey, hey)

I love my life, I love this record and

Mi amore vole fe yah (same DNA)

I'm beautiful in my way

'Cause God makes no mistakes

I'm on the right track, baby

I was born this way

Don't hide yourself in regret

Just love yourself and you're set

I'm on the right track, baby

I was born this way

(Lady Gaga. Música: Born this way)

Ao longo deste estudo, observam-se diversas teorias de épocas e autores(as) diferentes. No entanto, todas essas ideias convergem em um ponto: a tentativa de entender a problemática de um indivíduo que foge do padrão social em que se encontra e é obrigado a viver. Com isso, percebe-se que, ao longo do tempo, muito foi dito e estudado, mas ainda nos encontramos em um momento em que falar sobre sexualidade e identidade sexual é um tabu. Portanto, não buscando um fim para essas discussões, mas sim com o intuito de desmistificar e normalizar este assunto, este trabalho surgiu.

Ao relatar alguns casos em que a sexualidade e identidade sexual de indivíduos foram ignoradas, seja de maneira jurídica, social ou médica, nota-se que há sempre algum empecilho que impede um sujeito da comunidade LGBT de ser quem é. Um dos impedimentos descritos neste trabalho é a lei repressora. Alguns podem dizer que é uma lei implícita, mas defendo que ela ocorre de maneira explícita e nítida. Embora seja vista como uma lei que busca controlar a população por meio de discursos, ela vem acompanhada de diversos outros discursos como forma de argumentação e sustentação. Por exemplo, discursos religiosos, onde seus seguidores utilizam sua fé — algo particular e individual — para impor comportamentos e pensamentos aos outros. Também existem discursos baseados na medicina e na biologia, como a incapacidade de duas pessoas do mesmo sexo gerarem outro ser, o que, além de uma justificativa biológica, tem uma justificativa social: a crença de que isso impediria a perpetuação da espécie humana, acoplada com questões religiosas, as quais aqui me absterei de pontuar.

No entanto, mesmo com esses apontamentos que demonstram o quanto a lei repressora é explícita, pode-se ir além e destrinchar os estudos sobre sexo e gênero. Este trabalho tentou, ou ao menos iniciou a tentativa, de analisar essas áreas de estudo. A partir de uma perspectiva de Judith Butler, me propus a analisar outros autores e autoras, cada um com sua teoria, e, por meio de Butler, fiz uma tentativa de entender o problema atual em relação à sexualidade e identidade sexual. Em decorrência disso, utilizei em grande parte como fonte a obra *Problemas de Gênero* de Judith Butler.

Contudo, para que tal pesquisa fosse realizada, adentrei em outros autores e autoras que Butler utiliza, seguindo uma trajetória que me fez refletir e chegar a

algumas conclusões, ao mesmo tempo que surgiram mais dúvidas. Em função disso, este trabalho percorre Lévi-Strauss e sua teoria sobre o que diferencia o homem da mulher, com o discurso estruturalista a que ele se refere como Lei, onde a mulher é símbolo de troca entre clãs, sendo necessário o casamento para a união entre dois clãs distintos. Para além do matrimônio e da união dos clãs, vinha a ideia de reprodução entre esses membros, garantindo a continuidade das gerações e o legado de seus antepassados, levando em consideração a teoria da “Horda Primeva” de Darwin, que Freud expôs em *Totem e Tabu*.

Seguindo a linha de investigação de Judith Butler, ela aborda a teoria de Lacan, que se baseia em uma teoria de Freud, que, por sua vez, se apoiou nas ideias de Darwin. Vamos então considerar o que Sigmund Freud teorizou em *Totem e Tabu*. Freud parte da teoria da “Horda Primeva” de Darwin, onde o casamento entre membros de dois clãs distintos é necessário para a união e a reprodução, gerando um novo membro que simboliza os dois clãs.

No entanto, surge não apenas o fator da união e reprodução, mas também o que será chamado de “tabu”: o parricídio e o incesto. Na obra de Freud, baseada na horda primeva, a figura do pai e líder despojava-se de todas as suas “filhas” mulheres e excluía os homens. Nessa teoria, utiliza-se termos como “macho” e “fêmea”, e os filhos machos matam o pai. Após esse ato, surgiu a necessidade de estabelecer uma lei ou um código moral, no qual os geradores de um ser não poderiam se relacionar amorosa ou sexualmente com suas proles, e as proles não poderiam matar seus geradores. Dessa forma, teoriza-se que surgiu o tabu do incesto e do parricídio.

A partir desse ponto, conclui-se que o tabu da homossexualidade antecede o tabu do incesto e do parricídio. Antes da figura paterna ser morta, não se falava sobre a possibilidade ou proibição de relações entre pessoas do mesmo sexo. Após a morte do “pai”, surgiu a necessidade da união entre membros de sexos opostos. Pode-se então considerar que o tabu da homossexualidade é anterior aos “primeiros” tabus mencionados na obra de Freud, pois antes da morte do pai, a relação entre pessoas do mesmo sexo não foi mencionada nem considerada.

Partindo dos princípios apresentados por esses autores, vê-se que a proibição da homossexualidade e a imposição da heterossexualidade estão enraizadas em nossa cultura desde sempre. Pensar que a teoria da horda primeva precede nossa

sociedade atual seria incabível, pois é justamente após os atos da horda primeva que se inicia uma sociedade. E, como Judith Butler afirma, pensar em uma sociedade diferente da que vivemos hoje, em moldes e estruturas diferentes, é pensar no oposto. Para isso, é necessário um ponto de partida: ou seja, pensar em um "antes" diferente só é possível tendo o "agora" como referência.

Esta análise sobre a sexualidade — ou melhor, sobre a imposição de sermos heterossexuais — é o que Butler chama de “heterossexualidade compulsória”. Além disso, seguindo a linha de investigação de Butler, nota-se uma preocupação com o corpo. Não o corpo biológico, mas como ele é visto. Nesse momento, percebo a introdução da teoria do Falo de Lacan.

Quanto à teoria do Falo em Lacan, ela se alinha com as teorias expostas anteriormente, considerando as condições para descobrir o ser enquanto ser. A interpretação lacaniana da teoria de Lévi-Strauss sobre a proibição do incesto destaca que, para Lacan, a cultura e suas leis, como a proibição, são internalizadas na infância através da linguagem. Lacan propõe que a insatisfação do desejo reprimido é expressa através da fala, e introduz a teoria do "Falo", que examina os gêneros masculino e feminino.

A teoria do Falo, inicialmente formulada por Freud e desenvolvida por Lacan, não se refere ao órgão genital, mas sim a um significante de desejo e identidade. Para Lacan, "ser" o Falo implica ser o objeto de desejo de um Outro, enquanto "ter" o Falo envolve a necessidade de confirmação por parte desse Outro. Butler interpreta isso como a representação dos gêneros, onde "ser" o Falo se relaciona com o feminino e "ter" o Falo com o masculino.

Lacan argumenta que, na prática, o homem "ter" o Falo busca confirmação da mulher que "é" o Falo, refletindo uma dinâmica de poder. Butler sugere que essa dinâmica pode ser vista na necessidade dos homens cis heterossexuais de reafirmar sua orientação sexual, o que se manifesta como uma forma de validação constante frente à sociedade.

Por fim, a questão da lei repressora de Michel Foucault foi abordada. A teoria de Foucault, refletida por Butler, sugere que a lei não cria ou faz distinções entre macho e fêmea, mas sim implementa uma distinção por meio de um discurso de

poder. A lei se sustenta por meio de uma manipulação narrativa, legitimada por discursos de ódio mascarados de verdade ou de "lei natural".

Ou seja, a lei opera por meio de um mecanismo que se fundamenta em crenças, preconceitos e tabus, e o pensar social que se alterou ao longo dos anos. Exemplifico isso: a noção de mulher bem-sucedida no século XVIII e XIX é bem diferente da de hoje. O mesmo se aplica à idade do "homem viril" nessa época. Não obstante, as mudanças nos conceitos, termos, roupas e comportamentos são metamórficas, mas sempre delimitadas, pois as normas sociais possuem limites. Afinal, devemos deixar qualquer um ter os mesmos direitos e privilégios que nós? Quem é "nós"?

Este trabalho percorreu diversos autores e autoras, atravessou teorias, pensamentos e ideias, de diferentes áreas do conhecimento e tempos. Pensando numa linha cronológica, mas, no fim, tudo se resume a uma palavra: liberdade.

Ao tentar entender a razão histórica, social e filosófica de haver, no mundo, um grupo de pessoas tão odiado, maltratado, excluído e morto, cheguei a várias conclusões. Desde a Grécia antiga, ou antes, até os dias atuais, sempre houve uma parte da população que sofreu por ser diferente. Neste trabalho, tentei entender o motivo de tamanha crueldade contra a minha gente, a comunidade LGBT, à qual pertenço enquanto homem gay. Qual o motivo de tanta exclusão, violência e morte? Há diversos exemplos, uma lista infinita de meus semelhantes que gostaria de honrar com este trabalho. No entanto, aqui, me dediquei a Dandara e Herculine, duas pessoas que sofreram ao tentar se enquadrar em um ideal de pessoa, de homem, de mulher, impostos a elas. Na verdade, essas duas pessoas só queriam viver. Não é errado presumir isso, mesmo sem tê-las conhecido. Herculine tentou, tentou ser mulher, seguiu os "manuais" da feminilidade, mas isso lhe foi negado e lhe impuseram o rótulo de homem. Abel não suportou e se suicidou. Dandara tentava levar a vida como podia. Nas poucas fotos que restam dela, nota-se um cabelo médio e descolorido, evidenciando uma pequena vaidade. No entanto, pessoas aleatórias achavam que uma "aberração", como seus algozes gritavam enquanto a espancavam, não tinha o direito de viver. Por quê?

Não é errado presumir que essas pessoas que tentaram se ajustar, que buscaram viver, queriam apenas viver, por que o que há de mais belo na vida senão viver para aquele ou aquela que deseja viver?

Vocabulário e explicação de alguns termos:

A sigla que representa a comunidade LGBT passou e ainda passa por diversas mudanças, tendo sido a sua primeira sigla a GLs (Gays, Lésbicas e simpatizantes), uma sigla que hoje em dia está totalmente incorreta e não consegue abranger toda a diversidade que existia dentro dela. Em 2008 foi oficializada a sigla LGBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) sendo modificada para que englobe mais pessoas pertencentes a comunidade. No entanto, mesmo sendo oficializada a sigla está em constante mudança, de modo a tentar abranger e representar ainda mais cada pessoa, mas dizer LGBT não é errado, apenas pouco inclusivo. Existe hoje em dia a sigla LGBTQIAPN+ (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e mais) uma sigla contendo o símbolo mais (+) para que possa representar todo mundo que faz parte dessa comunidade. Essa sigla, LGBTQIAPN+, dentre as variações que a mesma pode ter, é a mais usual hoje em dia, pois consegue trazer visibilidade a maiores identidades e orientações sexuais, e é com essa sigla que trarei o significado e explicação de cada letra.

Começando com a primeira letra, o L representa as lésbicas, mulheres que sentem algum tipo de atração por outras mulheres. A letra G que representa os gays, homens que sentem algum tipo de atração por outros homens, a letra B que diz respeito as/aos bissexuais, homens ou mulheres que sentem algum tipo de atração por outros homens ou outras mulheres. A letra T representa a comunidade transgênero, que são as pessoas que se identificam com o sexo oposto que lhe foram designados ao nascer, e as travestis. A letra Q, de queer, são aquelas pessoas que saem da ideia padrão de comportamento, vestimenta e outras coisas mais da heterossexualidade, tanto do masculino quanto do feminino. A letra I representa os/as intersexos, são as pessoas que nascem com os dois órgãos genitais que são ditos como masculino e feminino. A letra A é para representar os/as assexuais, que são aquelas pessoas que não sentem atração sexual por ninguém (a subdivisões dentro dessa comunidade, podendo sentir apenas atração afetiva e não sexual, ou algum tipo de atração e outra não.). E a letra P, que representa as pessoas que sentem atração por outra pessoa independente de seu gênero, sendo assim pansexuais. E por fim, a letra N que representa as pessoas não-binários, pessoas que não se identificam com o sexo

masculino nem feminino. E o símbolo + busca a representatividade de demais identidades e orientações sexuais.

Bibliografia:

HISTÓRIA DE UM MAL ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE: MICHEL FOUCAULT E HERCULINE BARBIN. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X, [s. l.], 2017.

ORG, Antra. Sobre: missão. **ANTRA**, 2009. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 17 de dez. 2024.

E CONTABILIDADE, Abr Juridico . Julgamento do homicídio da travesti Dandara: réus condenados e recebem pena de até 21 anos de prisão: O Conselho de Sentença do 1º Tribunal do Júri de Fortaleza condenou cinco réus por participação no homicídio de Antônio Cleilson Ferreira de Vasconcelos (a travesti Dandara dos Santos). Jusbrasil, 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/julgamento-do-homicidio-da-travesti-dandara-reus-condenados-e-recebem-pena-de-ate-21-anos-de-prisao/565913779>. Acesso em: 15 maio 2024.

ANDRADE, Daniela. Artigo: Dandara foi espancada até a morte em plena luz do dia e seus assassinos riam: Todos que assistiam ficaram inertes, tudo gravado em vídeo, afinal, há certeza de impunidade. **BrasilDeFato**, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/10/artigo-dandara-foi-espancada-ate-a-morte-em-plena-luz-do-dia-e-seus-assassinos-riam>. Acesso em: 15 maio 2024.

REDAÇÃO, Escrito Por. Último acusado pelo assassinato da travesti Dandara dos Santos é condenado a 16 anos de prisão: Francisco Wellington Teles, 53, foi quem levou Dandara de moto até o local onde ela foi espancada até a morte. **Diário do Nordeste**, 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/ultimo-culpado-pelo-assassinato-da-travesti-dandara-dos-santos-foi-condenado-a-16-anos-de-prisao-1.3160544>. Acesso em: 15 maio 2024.

G1, Por. Escultura em Nova York homenageia travesti Dandara dos Santos, vítima de violência: Morta em 2017, em Fortaleza, ela foi espancada e torturada antes de levar tiros; seis adultos e quatro menores foram condenados pelo crime. Obra fica em praça em Tribeca até maio, e depois deve seguir para Miami, onde será exposta de forma permanente.. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/27/escultura-em-nova-york->

[homenageia-travesti-dandara-dos-santos-vitima-de-violencia.ghtml](#). Acesso em: 16 maio 2024.

G1 CE, Por. Rua de Fortaleza homenageia Dandara dos Santos e será a 1ª do Ceará com nome de uma travesti: Câmara Municipal aprovou um projeto de lei que denomina de Dandara Ketley rua do Bairro Bom Jardim. Dandara dos Santos foi brutalmente assassinada por um grupo de jovens em fevereiro de 2017.. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/09/rua-de-fortaleza-sera-a-primeira-do-estado-a-ter-nome-de-travesti.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2024.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero Feminismo e subversão de identidade. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 2013.

CAVICHIOLO, Anderson. Uma história de extermínio transfóbico no Brasil: A disputa De nomeação do assassinato da travesti Dandara Katheryn. Brasília, 2019

Obras completas, v. 11. Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Edição de bolso. São Paulo: Editora L&PM, 1998.

CARVALHO, S.M.S. — O mito de Édipo — uma análise antropológica. Perspectivas, São Paulo, 7:95-111, 1984.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres. Notas sobre a “Economia Política” do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.